



*Este artigo é parte integrante da Edição v.1, n.1, 202*

ISSN 2595-1971

DOI 10.25188/FLT-GT(ISSN2595-1971)v1.n1.2020.p45-73

Licenciado sob uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações 4.0 internacional



## **O QUE É PROSPERIDADE?**

### **UMA ANÁLISE DO TERMO HEBRAICO *šLH* NO ANTIGO TESTAMENTO EM COMPARAÇÃO COM AS CONCEPÇÕES DE PROSPERIDADE DE KENNETH HAGIN**

**JOELMIR SCHANOSKI**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	47
<b>1 ANÁLISE DO TERMO HEBRAICO הַלַּץ NO ANTIGO TESTAMENTO</b> .....	49
1.1 OCORRÊNCIA E SIGNIFICADO DE הַלַּץ NO QAL .....	49
1.2 OCORRÊNCIA E SIGNIFICADO DE הַלַּץ NO HIFIL.....	51
1.3 O VERBO הַלַּץ NOS DICIONÁRIOS TEOLÓGICOS E SEUS SINÔNIMOS .....	56
<b>2 KENNETH HAGIN E SUAS CONCEPÇÕES DE PROSPERIDADE</b> .....	59
<b>3 RESULTADOS DA ANÁLISE DO TERMO הַלַּץ E AS CONCEPÇÕES DE PROSPERIDADE DE HAGIN: COMPARAÇÃO E CRÍTICA</b> .....	69
3.1 COMPARAÇÃO ENTRE הַלַּץ E AS CONCEPÇÕES DE PROSPERIDADE DE HAGIN .....	69
3.2 ABORDAGEM CRÍTICA À “TEOLOGIA DA PROSPERIDADE” .....	70
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	72
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	73

## INTRODUÇÃO

O contexto religioso brasileiro tem sido influenciado, desde 1980, pela denominada “Teologia da Prosperidade”, que se trata de um mosaico de movimentos de cura, prosperidade e poder da fé oriundo dos EUA da década de 1940. Porém foi somente após 1970 que essa teologia ganhou visibilidade e atingiu vários movimentos cristãos devido à difusão da “Confissão Positiva” por Kenneth Hagin<sup>1</sup>. A “Teologia da Prosperidade” é uma corrente doutrinária que ensina que qualquer sofrimento do cristão indica falta de fé. A marca de um cristão cheio de fé e bem-sucedido é a plena saúde física, emocional e espiritual, além da prosperidade material. Pobreza e doença são resultados visíveis do fracasso do cristão que vive em pecado ou que possui fé insuficiente<sup>2</sup>.

Milhares de cristãos, pertencentes às igrejas pentecostais e históricas, abraçaram com entusiasmo os ensinamentos dessa nova teologia. O impacto de tais ensinamentos “se faz sentir no grau de confusão, desorientação e assombro presentes em quase toda a comunidade evangélica brasileira”<sup>3</sup>.

Diante de tal situação, os seguintes questionamentos são feitos: o que é prosperidade? E, a “Teologia da Prosperidade”, tal qual se apresenta atualmente, tem amparo bíblico ou trata-se de uma usurpação das Sagradas Escrituras pelos “teólogos da prosperidade” com o intuito de obtenção de riquezas às custas dos membros adeptos desta teologia?

Neste sentido, o objetivo geral da presente pesquisa é fazer uma análise sobre o que é prosperidade no Antigo Testamento da Bíblia Sagrada e quais são os ensinamentos da prosperidade atualmente. Os objetivos específicos são: realizar uma análise bíblica e teológica do termo hebraico צלח (prosperidade) no Antigo Testamento; apresentar a compreensão de prosperidade de Kenneth Erwin Hagin; tecer comparações entre os resultados obtidos na análise do termo e as concepções de prosperidade de Hagin; expor a abordagem de críticos à “Teologia da Prosperidade”.

A pesquisa está estruturada em cinco capítulos. O primeiro capítulo é a presente introdução da pesquisa, o qual contém o objeto da pesquisa, os objetivos, as razões da elaboração do trabalho, a metodologia utilizada e a estrutura da pesquisa.

É objeto do capítulo 2 uma análise bíblica e teológica do termo צלח no Antigo Testamento. Almeja-se fazer uma comparação entre suas ocorrências, observando os significados do termo dentro do contexto em que é usado, bem como a verificação dos sujeitos e objetos. Se averiguará o que os dicionários teológicos apresentam sobre o termo e seus sinônimos.

No terceiro capítulo, serão apresentadas uma breve biografia de Kenneth Erwin Hagin e as suas concepções de prosperidade por intermédio de três livros escritos por ele a respeito do assunto. São eles: *Como Deus me ensinou a respeito da prosperidade*, *Chaves Bíblicas para a prosperidade financeira*, *O Toque de Midas: uma abordagem equilibrada para a prosperidade bíblica*.

No quarto capítulo será realizada uma comparação entre os resultados da análise do segundo capítulo e os ensinamentos de Hagin apresentados no terceiro capítulo. Busca-se observar semelhanças e diferenças. Também serão abordadas as posições de críticos da “Teologia da Prosperidade”.

O capítulo 5 traz as conclusões relativas à pesquisa e, para tanto, será elaborada uma síntese dos argumentos desenvolvidos em seu decorrer. Isso é obtido com a elaboração e apresentação das considerações gerais a respeito da pesquisa, respostas às perguntas que guiam o estudo ou não das hipóteses do autor da pesquisa.

A metodologia utilizada é pesquisa bibliográfica a partir de dicionários bíblicos, teológicos e exegéticos, livros sobre prosperidade e sobre críticas à mesma. A análise do termo seguirá as seguintes

1 Cf. AQUINO, Rodrigo. **Igreja em Cédulas**: a teologia da prosperidade em poucas palavras. Joinville: BTBooks, 2015, p. 5.

2 Cf. ROMEIRO, Paulo. **Super Crentes**: o Evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1993, p. 7.

3 COCARELI, Eber. In: PIERATT, Alan B. **O Evangelho da Prosperidade**: análise e resposta. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 9.

etapas: verificação de seu significado; verificação de suas ocorrências no AT; análise do contexto de suas ocorrências; classificação do sujeito e do objeto; abordagem de dicionários teológicos e exegéticos.

As citações Bíblicas deste trabalho seguem a tradução portuguesa de João Ferreira de Almeida (ARA)<sup>4</sup>.

---

4 BÍBLIA. Português. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. Ed. São Paulo: SBB, 1993.

## 1. ANÁLISE DO TERMO HEBRAICO צלה NO ANTIGO TESTAMENTO

Neste capítulo, será realizada uma análise bíblica e teológica do termo hebraico צלה<sup>5</sup> no Antigo Testamento, buscando observar sua ocorrência, significado e o contexto ao qual foi usado.

O termo hebraico צלה ocorre 65 vezes no Antigo Testamento. Dessas, 25 ocorrem no tronco verbal Qal (básico) e 40 no tronco verbal Hifil (causativo)<sup>6</sup>. O termo ocorre somente como verbo e nunca como substantivo.

### 1.1 OCORRÊNCIA E SIGNIFICADO DE צלה NO QAL

O significado de צלה no Qal não necessariamente será prosperar. O verbo adquire outros significados<sup>7</sup>.

O primeiro sentido da raiz צלה se refere ao ato de “se apossar”. O termo é usado em vários textos para dizer que o Espírito do Senhor se apossou de algumas pessoas para realizarem alguma tarefa (Jz 14.6; 14.19; 15.14; 1Sm 10.6; 10.10; 11.6 16.13; 18.10).

Na narrativa de Sansão, em Juízes, o Espírito de Deus é o sujeito que se apossa de Sansão para realizar alguma tarefa dada pelo próprio Deus. Após a posse do Espírito sobre Sansão, ele rasgou um leão como quem rasga um cabrito (Jz 14.6), matou 30 homens asquelonitas e despojou-os de suas vestes festivas (Jz 14.19), também rompeu as cordas que o amarravam e feriu mil filisteus com uma queixada de jumento (Jz 15.14)<sup>8</sup>.

O Espírito do Senhor também se apossou de Saul, que passou a profetizar junto a outros profetas (1Sm 10.10)<sup>9</sup> e depois livrou o povo de Israel da dominação dos filisteus (1Sm 11.6)<sup>10</sup>. Porém, em outra ocasião, Saul não obedeceu à ordem de Deus de matar os amalequitas e todos os seus animais, bem como destruir tudo o que eles tinham. O Senhor então diz a Samuel: “arrependi-me de haver constituído Saul rei, porquanto deixou de me seguir e não executou as minhas palavras” (1Sm 15.11). O Senhor então rejeita a Saul como rei (15.26).

Após a rejeição de Saul como rei, Deus manda Samuel ir à Belém, na casa de Jessé, para ungir seu filho Davi para ser rei sobre Israel. Depois de Samuel ungir Davi, o Espírito do Senhor se apossou dele (1Sm 16.13), e algo interessante é descrito no versículo seguinte (16.14): “tendo-se retirado de Saul o Espírito do Senhor, da parte deste um espírito maligno o atormentava”. Isso está escrito em 1Sm 18.10, mas neste aparece a raiz צלה: “No dia seguinte, um espírito maligno, da parte de Deus, se apossou de Saul” (1Sm 18.10). Saul havia ficado com inveja de Davi, por esse ter matado o gigante filisteu e ser mais exaltado que Saul no cântico das mulheres ao retornarem da batalha contra os filisteus (18.6-9). Após o espírito maligno se apossar de Saul, ele se enfureceu e tentou matar Davi, que conseguiu escapar (1Sm 18.11).

Portanto, o termo צלה, nestes versículos, é usado para falar da posse do Espírito de Deus sobre pessoas para realizarem alguma tarefa e, também é empregado para falar da posse de um espírito maligno sobre Saul.

O segundo significado que pode ser atestado à raiz צלה no Qal é “meter-se”<sup>11</sup>. Em 2Sm 19.18, Simei e mil homens da tribo de Benjamim “meteram-se” no rio Jordão a fim de auxiliar a casa real a

5 Transliterado = *slh* (*tsalah*).

6 LUC, Alex. “צלה” In: VANGEMEREN, Willem A. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. v. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 800.

7 Os significados aqui arrolados são extraídos da tradução Almeida Revista e Atualizada.

8 Nas três ocorrências na narrativa de Sansão a NTLH traduz como: “Mas o Espírito do Senhor fez com que Sansão ficasse forte”.

9 NTLH traduz como: “o Espírito de Deus tomou conta de Saul”.

10 NTLH traduz como: “O Espírito de Deus o dominou”.

11 As versões NTLH e NVI traduzem por “atravessaram”; A BJ traduz por “desceram”.

atravessar o rio (2Sm 19.18). O significado, porém, ocorre somente uma vez no AT e não traz problemas, visto que é usado apenas para dizer que eles entraram no rio.

O terceiro significado no Qal é “irromper”. O profeta Amós, que atuou no reino do Norte (Israel) durante o reinado de Jeroboão II, anunciou o juízo sobre a terra por causa do roubo praticado pela classe alta do povo. Amós falou sobre a eleição especial de Israel por parte de Deus, mas também transmitiu os ditos de Deus contra Israel (3-6). Deus condena a cegueira do povo e lamenta sobre Israel. Por isso, o Senhor adverte o povo que o busque para viver, para que Ele não “irrompa” na casa de José (Israel) como um fogo que a consoma (Am 5.6)<sup>12</sup>. O sentido do termo é de entrar/invadir Israel como fogo para o destruir.

O quarto significado de צלל no Qal é “prestar/ser útil”. Em Jr 13.7, 13.10 e Ez 15.4 o verbo é usado em sentido negativo para dizer que Judá/Jerusalém passou a ser inútil e para nada mais servia. Jeremias fez um gesto simbólico ordenado por Deus, de esconder um cinto de linho entre as rochas no rio Eufrates. Depois de um tempo retornou lá para pegá-lo e o cinto estava podre, ou seja, tornou-se inútil (Jr 13.7). O gesto é comparado com Judá. Assim como o cinto que fica bem justo na cintura, Deus queria que o povo ficasse perto dele. Mas o povo abandonou a Deus, não mais se atentando à sua palavra e caindo em idolatria, tornando-se então, inútil.

Em Ez 15.4, Jerusalém é comparada ao cipó de uma videira que para nada serve senão para fazer fogo. O cap. 15 de Ez está entre as palavras de desgraça à Judá/Israel. Assim como o cipó, que é imprestável a qualquer obra tanto antes como depois de ser queimado e retirado da floresta, o mesmo acontecerá com o povo de Jerusalém. Deus destruirá, pois cometeu graves transgressões (15.6-8).

O quinto significado da raiz צלל no Qal é “chegar a ser”. Em Ez 16 Deus faz uma retrospectiva histórica do seu relacionamento de amor para com o seu povo. O Senhor se refere a Jerusalém como uma moça de muita beleza e “chegaste a ser rainha” (16.13)<sup>13</sup>.

O sexto e mais expressivo significado do verbo צלל no Qal é “prosperar”. Das 25 vezes que o verbo ocorre no Qal, 10 têm o significado de prosperar.

Em Isaías 53.10 é a vontade do Senhor que prosperará nas mãos do seu servo, isto é, o servo do Senhor concluirá com êxito/sucesso aquilo que é da vontade do Senhor.

Em Ezequiel, o Senhor condena a idolatria de Jerusalém e pergunta se a videira (Jerusalém) prosperará (17.9,10). Posteriormente pergunta se o governador instalado em Jerusalém pelo rei da Babilônia Nabucodonosor, por ter se rebelado contra o rei, prosperará (17.15).

A pergunta que Jeremias faz ao Senhor também é evidenciada: “por que prospera o caminho dos perversos, e vivem em paz todos os que procedem perfidamente?” (12.1). Este v. faz parte da primeira (11.18-12.6) das cinco “confissões de Jeremias” que são diálogos com Deus nos quais o profeta se queixa de sua sorte. Pessoas de Anatote, cidade natal de Jeremias, estavam tramando projetos contra ele (11.19). Tais pessoas não queriam que ele profetizasse em nome do Senhor, por isso queriam lhe tirar a vida (11.21). Porém, o Senhor promete que os punirá (11.22-23). Então Jeremias diz a Deus: “Justo és, ó Senhor, quando entro contigo num pleito; contudo, falarei contigo dos teus juízos. Por que prospera o caminho dos perversos, e vivem em paz todos os que procedem perfidamente?” (12.1). Estes perversos até falam de Deus, mas não o têm no coração (12.2). Jeremias alega que Deus o conhece e sabe o que o profeta sente por Deus. Em seguida, Jeremias pede que o Senhor destrua estes perversos (12.3). “O caminho dos perversos prospera” possivelmente é uma alusão aos planos que eles querem executar, visto que tramavam projetos contra Jeremias conforme descrito em 11.19. Nota-se que, além de ser uma pergunta, é também uma constatação, ou seja, o caminho dos perversos também prospera.

Também há afirmações de que algo ou alguém não prosperará. Em Nm 14.41, após o relato dos espias enviados à terra de Canaã, o povo lamenta e se arrepende após ser advertido por Moisés, mas acaba decidindo por si mesmo guerrear contra os habitantes da terra. Moisés, porém, os adverte para não prosseguirem com este plano, e diz: “Por que transgredis o mandato do Senhor? Pois isso não

12 NTLH traduz por “descerá como fogo”; BJ traduz por “penetrar”.

13 A BJ traduz por “assumires ares de realeza”.

prosperará. Não subais, pois o Senhor não estará no meio de vós, para que não sejais feridos diante dos vossos inimigos” (Nm14.41-41). O povo de Israel não acatou a advertência e tentou atacar os habitantes de Canaã, sendo derrotado (14.45). Deste modo, Israel não foi próspero porque desobedeceu à ordem de Deus. Em Is 54.17 o Senhor diz que toda arma forjada contra Sião não prosperará. Em Jr 22.24-30 o profeta dirige palavras contra Jeconias, a seu respeito e de seus filhos Deus afirma: “registrai este como se não tivera filhos, homem que não prosperará nos seus dias, e nenhum dos seus filhos prosperará, para se assentar no trono de Davi e ainda reinar” (Jr 22.30). Jeconias reinou somente três meses em Jerusalém, fez o que era mau perante o Senhor (2 Rs 24.8) e foi levado cativo à Babilônia juntamente com sua família, os príncipes, os valentes e os artífices (24.14).

Em Daniel 11.27 são as mentiras, ditas por dois reis, que não prosperarão. Possivelmente trata-se de Atíoco IV Epífanês (175-165) rei da Síria (Norte) e Filométor do Egito (Sul). O texto não deixa claro quais são essas mentiras ditas por estes dois reis, mas, fato é que elas não prosperarão.

Portanto, no tronco verbal Qal, percebe-se que צלל tem ao menos seis significados. Dentre eles, o que mais se destaca é o significado de prosperar, sendo várias vezes usado de forma negativa no sentido de que algo ou alguém não prosperará. De modo geral, percebe-se que prosperar é conseguir concluir com sucesso aquilo que se pretende, sendo ordenado por Deus ou não.

## 1.2 OCORRÊNCIA E SIGNIFICADO DE צלל NO HIFIL

O tronco verbal Hifil geralmente é o causativo do Qal. Ocasionalmente, os verbos no Hifil são usados num sentido de declaração, isto é, o sujeito do verbo declara que alguém está em determinado estado ou condição. Em outras ocasiões, os verbos no Hifil têm significado mais próximo ao ativo simples do tronco Qal do que ao do causativo. Por fim, em outras situações, é preciso examinar o contexto, visto que os significados dos verbos no Hifil podem não se encaixar nas categorias citadas<sup>14</sup>.

O verbo צלל ocorre 40 vezes no tronco verbal Hifil no Antigo Testamento. O verbo no Hifil pode aparecer com objeto direto, ou seja, no sentido causativo (fazer um outro prosperar), ou sem objeto (prosperar, ter sucesso, ser bem-sucedido), isto é, no sentido ativo e intransitivo do verbo.

Na narrativa de José, filho de Jacó (Gn 37-50), ocorre três vezes o termo צלל, uma vez sem objeto (39.2) e duas com objeto (39.3,23). José apascentava ovelhas com seus irmãos e era o filho preferido de Jacó, por isso seus irmãos o odiavam. Teve sonhos nos quais ele era enaltecido e relatou-os a seus irmãos que o odiaram ainda mais. Por isso, eles o venderam a uma caravana de ismaelitas que, por sua vez, o venderam a Potifar, oficial do Faraó, no Egito, na casa de quem passou a viver. Em Gênesis 39.2 está escrito que “O Senhor era com José, que veio a ser homem próspero”. Potifar, vendo que o Senhor era com José e “tudo o que ele fazia o Senhor prosperava em suas mãos”, colocou-o como mordomo, confiando tudo o que tinha em suas mãos. A esposa de Potifar cobiçou José e o convidou para se deitar com ela, convite que foi rejeitado. Certo dia, ela o agarrou pelas vestes pedindo para que ele se deitasse com ela, mas José deixando as vestes nas mãos dela fugiu. Irritada com as recusas, ela o incriminou dizendo à Potifar que José havia a procurado para insultá-la. Potifar ficou irado e lançou José na prisão. Contudo, Deus estava com José e fez com que o carcereiro confiasse todos os presos e tudo o que se deveria fazer ali a José, “E nenhum cuidado tinha o carcereiro de todas as coisas que estavam nas mãos de José, porquanto o Senhor era com ele, e tudo o que ele fazia o Senhor prosperava” (39.23).

No v.2, a causa de José ser um homem próspero era que o Senhor estava com ele. Nos v.3 e 23, tudo o que José fazia o Senhor prosperava em suas mãos. Aqui, José é o objeto e Deus é o sujeito, visto que Deus é quem faz José prosperar. Interessante é que o contexto da vida de José é de sofrimento por ter sido vendido pelos seus irmãos, incriminado injustamente pela esposa de Potifar e por isso preso. Porém, mesmo assim, José veio a ser homem próspero e tudo o que fazia o Senhor prosperava em suas mãos. O texto não esclarece as funções de José, mas ele era mordomo de Potifar e o servia. No cárcere,

14 KELLEY, Page H. **Hebraico Bíblico**: uma gramática introdutória. 8 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 140-141.



possivelmente ele fazia a limpeza do local e dava comida aos presos. Portanto, José era próspero mesmo servindo a outra pessoa e não possuindo nada para si.

Outro personagem descrito como alguém próspero é Salomão, o filho de Davi e seu sucessor no reinado sobre Israel. Davi tentava construir um templo para o Senhor, porém foi proibido de o fazer pelo próprio Deus (1Cr 22.7-8). Mas, antes de morrer, Davi reuniu todo o material necessário para construir o templo (1Cr 22.1-5). Depois chamou Salomão e lhe deu a ordem de construir um templo para o Senhor e lhe disse: “agora, pois, meu filho, o Senhor seja contigo, a fim de que prospere e edifiques a Casa do Senhor, teu Deus, como ele disse a teu respeito (1Cr 22.11). Os versículos que seguem são interessantes. No v.12 Davi deseja que Deus conceda prudência e entendimento para que, quando Salomão regesse sobre Israel, guarde a lei do Senhor, e o v.13 “Então, prosperarás, se cuidares em cumprir os estatutos e os juízos que o Senhor ordenou a Moisés acerca de Israel”. Percebe-se que Davi deseja que Salomão seja próspero, mas isto em relação à construção do templo. Somado a estes versículos, em 2 Cr 7.11 está escrito que “tudo quanto Salomão intentou fazer na Casa do Senhor e na sua casa, prosperamente o efetuou”. Isso reforça a ideia já apontada no tópico anterior de que prosperar é conseguir realizar com sucesso e êxito alguma determinada tarefa.

No v.13, em especial, nota-se a partícula condicional  $\text{אם}$  (se), ou seja, neste caso, se Salomão cuidar em cumprir os estatutos e os juízos do Senhor, então ele prosperará. O texto de 1 Cr 29.23 apenas afirma que Salomão prosperou, não dando detalhes, mas poderíamos relacionar ao texto de 1Cr 22.13, no qual está escrito que Salomão prosperaria se cumprisse os estatutos e juízos do Senhor. Pode-se interpretar o fato de que em 1Cr 29.23 Salomão prosperou justamente por ter cumprido os estatutos e juízos do Senhor.

Ezequias foi outro rei que prosperou. Ele fez o que era bom, reto e verdadeiro perante o Senhor de modo que “em toda a obra que começou no serviço da Casa de Deus, na lei e nos mandamentos, para buscar o seu Deus, de todo o coração o fez e prosperou” (2Cr 31.21). Ezequias é um personagem notável no AT. Seu pai e antecessor, Acaz, havia caído em idolatria, sacrificou a outros deuses, construiu altares em várias cidades de Judá e fechou as portas do templo. Ezequias, pelo contrário, foi um rei bom e buscou fazer reformas no templo. Convocou os sacerdotes e os levitas e reestabeleceu o culto a Deus. Depois, celebrou a Páscoa ao Senhor, Deus de Israel, e por fim, regulou as contribuições para os sacerdotes e levitas. Durante seu reinado, o rei da Assíria, Senaqueribe, cercou Jerusalém para a atacar. Porém Ezequias e o profeta Isaías oraram ao Senhor, que interveio destruindo o exército de Senaqueribe. Por fim, 2Cr 32.20 afirma que “Ezequias prosperou em toda a sua obra”.

No livro de Jeremias a raiz  $\text{צַלַּח}$  ocorre três vezes no Hifil. As duas primeiras estão no contexto das palavras de Juízo contra Israel/Judá (Jr 2-6). No cap. 2, Deus relembra o povo do seu amor para com eles, mas também fala da rebeldia de Israel que acabou não buscando a Deus, porém seguiu outros deuses. Deus condena o fato de Israel ter feito alianças com o Egito e com a Assíria. Deus castigará seu povo e fará com que fique envergonhado. Assim, como o povo foi envergonhado pela Assíria, será envergonhado pelo Egito, “porque o Senhor rejeitou aqueles em quem confiaste, e não terás sorte por meio deles” (2.37). Neste verso o verbo é traduzido por “sorte”, no sentido de não ganhar nada por fazer aliança com o Egito.

A segunda ocorrência de  $\text{צַלַּח}$  no Hifil em Jeremias está no cap. 5, em que Deus condena as atitudes do povo e diz que os pecados dele o afastam do bem. O Senhor o convida ao arrependimento. Em especial, o profeta faz uma denúncia: há perversos entre o povo, que têm suas casas cheias de coisas roubadas e por isso são poderosos e ricos. Estão fartos, sua maldade não tem limites, eles “não defendem a causa, a causa dos órfãos, para que prospere; nem julgam o direito dos necessitados” (5.28). Deus adverte que tais atitudes não ficarão sem castigo (5.29). A denúncia é de que há perversos dentre o povo que roubam e não fazem com que os órfãos prosperem. Geralmente, o órfão é associado ao estrangeiro e a viúva, sendo objeto de especial atenção. A maneira como alguém trata a viúva e o órfão é um critério para medir a devoção de alguém. Eles devem ser tratados com justiça (Dt 24.17) para que a congregação não sofra maldição (Dt 24.19). Assim como os levitas, o órfão e a viúva recebem uma parte dos dízimos



da produção agrícola de cada três anos (Dt 14.28-29)<sup>15</sup>. Possivelmente, este dízimo não estava sendo repassado para os órfãos, o que lhes era um direito garantido pela ordem de Deus (Cf. Dt 14.28-29). É provável que estes dízimos não representassem um valor muito expressivo, mas garantia aos órfãos o atendimento de suas necessidades. Portanto, a prosperidade dos órfãos dependia do repasse desses dízimos, o que não estava acontecendo, pelo contrário, pessoas estavam roubando e se fartando com os dízimos.

A terceira ocorrência de נָצַח em Jeremias está no capítulo 32, que está dentro do conjunto de palavras de salvação (30-33). O cap. 32 relata como Jeremias recebeu a ordem de comprar um campo em Anatote, sinalizando que ainda há esperança de salvação para Judá. O exército da Babilônia havia cercado Jerusalém. Zedequias havia prendido Jeremias porque ele profetizava que Deus entregaria Jerusalém nas mãos do rei da Babilônia e, mesmo que Zedequias lutasse contra os babilônicos, não seria bem-sucedido (32.5). Percebe-se aqui que, conforme a profecia do Senhor de que Jerusalém seria entregue aos babilônicos, não adiantaria lutar contra eles, pois contra uma ordem de Deus não há como resistir. Zedequias não seria bem-sucedido se tentasse lutar contra o rei da Babilônia, ou seja, ele não prosperaria em sua intenção de resistir e lutar.

Algo muito interessante se nota no Salmo 1. O Salmista faz uma comparação do homem feliz (v.1) que não age como os ímpios, nem como os pecadores, nem como os escarnecedores (v.2), mas que prefere meditar na lei do Senhor, “Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem-sucedido” (v.3). Aqui pode-se traduzir como “tudo quanto ele faz causará prosperidade (para um outro)”. A ideia é que: a árvore produz frutos, mas ela não come seus próprios frutos, estes são para os outros, assim também são as obras da pessoa que medita na lei do Senhor, elas causarão prosperidade para os outros. A prosperidade aqui, não tem a ver com o que a pessoa feliz receberá em troca, mas tem a ver com as suas ações. Essa prosperidade está relacionada à dependência de Deus e fidelidade à sua lei<sup>16</sup>.

No Salmo 118 é possível notar um paralelo entre prosperidade e salvação. O Salmo é de ação de graças, pois isso expressa alegria diante do Senhor porque alguma coisa saiu bem, porque as circunstâncias eram boas ou porque o Senhor deu proteção, benefício e foi fiel<sup>17</sup>. É um Salmo repleto de paralelismos sinonímicos<sup>18</sup>. No v. 25 está escrito: “Oh! Salva-nos Senhor, nós te pedimos; oh! Senhor, concedenos prosperidade!”. Salvação e prosperidade estão em paralelo. O pedido pela prosperidade está reforçando o pedido de salvação. O salmista em vários versículos cita sua vitória sobre seus inimigos e que Deus o salvou. A BJ traduz a segunda parte do v. como “Dá-nos vitória, lahweh!” Por isso, é possível que aqui o termo נָצַח seja usado para falar da vitória, do triunfo sobre os inimigos. O mesmo ocorre em outros textos, onde נָצַח é traduzido por “triunfar” (1Rs 22.12, 15; 2Cr 18.11; 18.14). Triunfar é vencer os inimigos, e neste sentido, também é concluir com êxito uma batalha contra eles.

Em outro contexto de batalha está o texto de 2 Cr 20.20. Os moabitas e os amonitas vieram lutar contra o rei Josafá de Judá, que teve medo e buscou ao Senhor. Porém Jaaziel profetizou para o povo e para o rei de Judá dizendo para eles não temerem, pois a batalha não era deles, mas de Deus. A orientação do Senhor era para que Judá apenas observasse o salvamento que ele operaria. No dia seguinte, o exército de Judá estava saindo rumo ao deserto de Tecoa, conforme a orientação de Deus, então o rei Josafá ficou em pé e disse: “Ouvi-me, ó Judá e vós, moradores de Jerusalém! Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas e prosperareis” (20.20). Ao chegarem ao local da batalha apenas encontraram corpos mortos (20.24), após saquearem os despojos encontrados, “tornaram a Jerusalém com alegria, porque o Senhor os alegrara com a vitória sobre seus inimigos” (20.27).

15 J.E.H. “נָצַח”: In: HARRIS, R. L. ARCHER, G. L. WALTKE, B. K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 688.

16 WANKE, Roger Marcel. Folha de Trabalho - Nº 6 [Salmo 1.3]. Apostila da disciplina de Hebraico IV (não publicado). São Bento do Sul: Faculdade Luterana de Teologia, 2016, p. 2.

17 FEE, Gordon; D. STUART, Douglas. **Entendes o que lês?: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica**. 3. ed. Revista e ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 256.

18 Paralelismo sinonímico. A segunda linha, ou a linha subsequente, repete ou reforça o sentido da primeira linha. Cf. FEE, Gordon; D. STUART, Douglas., 2011, p. 238.

Em Pv 28.13, a prosperidade contrasta com misericórdia/compaixão. Trata-se de um paralelismo antitético<sup>19</sup>: “o que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia”. É interessante que o versículo não diz que quem confessa suas transgressões será próspero, apenas que não prosperará aquele que encobre suas transgressões. No entanto, aquele que confessa suas transgressões, esse alcançará compaixão. Portanto, confessar pecados não fará alguém próspero.

Em Neemias 1.11, o próprio Neemias pede ao Senhor que ele seja bem-sucedido e que Deus tenha misericórdia dele diante do rei da Pérsia, Artaxerxes. Neemias teve ciência da situação precária em que viviam os moradores que ficaram em Jerusalém no período do exílio babilônico. Ouviu também que os muros da cidade estavam danificados. Neemias então orou a Deus pedindo perdão pelos pecados do seu povo (1.6). Ele queria reedificar a cidade de Jerusalém (2.5) e pediu ao Senhor: “concede que seja bem-sucedido hoje o teu servo e dá-lhe mercê perante este homem” (1.11). Neemias era o copeiro do rei da Pérsia e concedeu-lhe misericórdia diante do rei e fez com ele fosse bem-sucedido, pois Artaxerxes permitiu que Neemias pudesse ir a Jerusalém para a reconstruir (2.8). Portanto, o Senhor concedeu prosperidade/sucesso a Neemias no sentido de que o seu plano de reconstruir Jerusalém pudesse ser colocado em prática.

Adiante, após sua chegada em Jerusalém, Neemias avalia a condição dos muros da cidade e propõe ao povo reedificá-los (2.17). O povo concordou em reedificar os muros, porém algumas pessoas zombaram dele, mas Neemias lhes disse: “o Deus dos céus é quem nos dará bom êxito; nós, seus servos, nos disporemos e reedificaremos” (2.20). Neemias confia que Deus dará bom êxito a eles no plano de reedificar os muros.

No sentido de edificar muros, também se menciona 2 Cr 14. Asa era o rei de Judá. No tempo de seu reinado a terra esteve em paz, não houve guerras. E, por isso, aproveitaram para edificar cidades fortificadas em Judá e as cercaram com muros, torres e portas: “Edificaram e prosperaram” (14.8). Ou seja, concluíram com sucesso a tarefa de construir as cidades e os muros ao redor delas.

Interessante também é o texto de Isaías 55.11, em que a palavra do Senhor é o sujeito da prosperidade: “assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei”. O versículo é comparado ao anterior: “Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come” (v.10). É a Palavra do Senhor que prosperará, ou seja, ela fará aquilo que Deus quer que ela faça.

Percebe-se que das 65 ocorrências da raiz צלל verbo no AT, 10 delas aparecem ligadas ao substantivo דרך = caminho. Este caminho pode ser em: sentido físico (um espaço linear que se percorre entre dois pontos); sentido figurado (algo que se realiza unitária e temporalmente: empresa, tarefa, atividade, processo jurídico, campanha militar; o modo ou estilo de realizá-lo, o método); sentido ético (a conduta, o proceder, a sorte ou destino). Quando se fala de Deus: seu modo de agir e a conduta que assinala o homem<sup>20</sup>.

Este substantivo ocorre mais de 700 vezes no AT, e na maior parte é empregado em sentido figurado. É o substantivo mais usado para falar da experiência e do curso da vida. O importante no significado metafórico do termo é sua relação com a aliança. A jornada espiritual de uma pessoa tem a sua fonte e orientação na referência do seu relacionamento com o Deus da aliança, Javé. No AT, é evidente o fato de que toda a humanidade – justos e ímpios igualmente – está em peregrinação por um caminho que leva à vida ou à morte. A diferença de resultado está exatamente em como a pessoa “identifica-se com Javé e o sucesso ou fracasso da jornada do crente está determinado ao grau de obediência do viajante aos preceitos da aliança que governam a busca da rota espiritual”<sup>21</sup>.

19 Paralelismo antitético. A segunda linha, ou a linha subsequente, contrasta o pensamento da primeira, muitas vezes reforçando a primeira linha pelo contraste. Cf. FEE, Gordon; D. STUART, Douglas., 2011, p. 238.

20 SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 161.

21 MERRIL, Eugene H. “דרך” *h*: VANGEMEREN, Willem A. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. v. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 964.

Além do significado do caminho como relacionamento da aliança, a palavra é usada como uma metáfora mais abrangente para a vida, em geral, e em particular para a vida reta ou maligna. Em aplicações mais práticas, a metáfora é usada em referências pessoais e subjetivas e para se referir aos outros. Nos blocos sapienciais, a vida de alguém é o caminho ao qual este se entregou, pois sempre o considerou como sendo certo. O problema é justamente que a força e a motivação desse caminho procedem do coração do homem (Is 57.17). Por isso, é preciso que haja um caminho externo, que vem de Deus, pois ele conhece o final desde o início<sup>22</sup>.

Das ocorrências do verbo צלה no Hifil, nove têm relação direta com o substantivo צרה. Em Gn 24 o servo de Abraão foi incumbido de uma tarefa. Deveria ir até a terra dos parentes de seu senhor e trazer dali uma esposa para Isaque, filho de Abraão e Sara. Nesta narrativa, o verbo צלה ocorre quatro vezes agregado ao substantivo צרה. O servo de Abraão orou ao Senhor pedindo um sinal a respeito de qual seria a moça que Deus havia designado para Isaque. Rebeca foi a moça que correspondeu ao sinal, dando água ao servo de Abraão e aos seus camelos e “o homem a observava, em silêncio, atentamente, para saber se teria o Senhor levado a bom termo a sua jornada ou não” (v. 21). A expressão “levar a bom termo a jornada” aparece ainda nos vs. 40, 42 e 56. Percebe-se que aqui צרה é usado em sentido figurado para se referir à tarefa do servo de trazer uma esposa para Isaque. Neste texto, o Senhor é o sujeito que “levou a bom termo”, isto é, que fez prosperar a tarefa do servo e fez com que a jornada do servo tivesse sucesso.

Isaías 48 integra o chamado Dêutero-Isaías e compreende o período exílico. Neste contexto, o Senhor diz que amou a Ciro, o rei da Pérsia, e que executará a sua vontade contra a Babilônia, e o seu braço será contra os caldeus (v.14) e diz ainda em relação a Ciro: “Eu o trouxe e farei próspero o seu caminho” (v.15). Deus fará com que o caminho de Ciro seja próspero. Pelo v. 14, pode-se perceber que o caminho de Ciro aqui é empregado em sentido figurado e se refere a uma campanha militar, pois os persas e os medos batalharam e venceram os babilônios em 586 a.C.

Em Juízes, quando ainda não havia rei governando sobre Israel, a tribo dos danitas buscavam herança para si (Jz 18). Então enviaram homens para espiar e explorar a terra de Laís. Durante a viagem, eles passaram a noite na casa de Mica, na região montanhosa de Efraim. Ali encontraram um moço levita que lhes era conhecido e lhe disseram: “Consulta a Deus, para que saibamos se prosperará o caminho que levamos. Eles foram despedidos com a paz, pois o caminho está sob as vistas do Senhor” (Jz 18.5). Aqui novamente se vê que o caminho é usado em sentido figurado como uma tarefa que eles têm a realizar: espiar e explorar a terra (v.2). Conforme a consulta do sacerdote, o empreendimento que eles queriam realizar (espiar a terra) estava sob as vistas do Senhor, então, de fato prosperaria.

O cap. 28 de Deuterônimo está entre os discursos finais de Moisés ao povo de Israel. Ali, Moisés profere as bênçãos e as maldições para o povo caso eles obedecessem ou não a Deus e a seus mandamentos. Dentre todo o conjunto de versos que tratam dos castigos em caso de desobediência, o v. 29 diz: “[...] e não prosperarás nos teus caminhos [...]”. É possível que aqui, mais uma vez, o caminho se refira, em sentido figurado, a um empreendimento, a algo que se pretende realizar, pois os versículos seguintes tratam de algo que se pretende fazer, mas que lhes será impedido: “edificarás casa, porém não morarás nela” (v.30), ou seja, se alguém quer edificar uma casa é certo que quer morar nela, porém, neste caso, este será impedido de atingir seu objetivo.

Neste mesmo sentido do verbo צלה é narrado no livro de Josué, que o Senhor chamou, após a morte de Moisés, para conduzir o povo de Israel rumo à terra prometida. Deus promete a Josué que dará toda terra em que o povo pisar a planta do pé. Deus também promete que estará com Josué como esteve com Moisés e diz para Josué ser forte e corajoso (Js 1.1-7), e continua: “Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido” (v.8). Este texto é paralelo ao Salmo 1, descrito anteriormente.

Ainda neste sentido, a raiz צלה ocorre também com o substantivo צרה no Salmo 37. Este Salmo é atribuído a Davi e trata-se de uma coleção de ditados ou provérbios, que afirmam que Deus recompensará

22 MERRIL, Eugene H., 2011, p. 965.

a bondade e castigará a maldade das pessoas. O Salmo convoca o leitor para confiar no Senhor (v.3), agradar-se no Senhor (v.4), entregar o seu caminho ao Senhor (v.5), descansar e esperar nele (v.7) e pede para o leitor: “não te irrites por causa do homem que prospera em seu caminho, por causa do que leva a cabo os seus maus desígnios” (v.7). Há um paralelismo sinonímico neste versículo. O “que leva a cabo” está em paralelo com “prospera” e, “os seus maus desígnios” está em paralelo com o “caminho”, ou seja, o caminho é usado em sentido figurado para falar das más intenções deste homem, as quais ele consegue concluir com êxito/sucesso (levar a cabo).

O Salmo 37.7 pode ser colocado em paralelo com Jr 12.1 (Cf. visto na seção 2.1). Em Jr 12.1 o verbo צלח aparece no Qal, enquanto no Sl 37.7 aparece no Hifil. Em ambos é o caminho do perverso – ou daquele que conclui suas más intenções (37.7) – que prospera. Estes dois versículos atestam que o perverso também prospera. Aquele que planeja fazer coisas más, também prospera nos seus empreendimentos. O mesmo pode ser dito a respeito de Antíoco IV Epifanes que foi um dos sucessores de Alexandre o Grande, reinando sobre a Síria de 175-164 a.C. Ele também conquistou Jerusalém, proibindo a circuncisão dos judeus, e profanou o templo deles<sup>23</sup>. A seu respeito é dito que “o que fez prosperou” (Dn 8.12), “prosperará e fará o que lhe aprouver” (Dn 8.24) e que ele “fará prosperar o engano” (Dn 8.25). Porém, ao levantar-se contra o próprio Deus será destruído sem esforço humano (cf. Dn. 8.25). Percebe-se, portanto, que prosperidade é concluir com êxito aquilo que se pretende, podendo ser algo bom ou mal, tendo como sujeito da prosperidade, pessoas perversas e que agem contra o povo de Deus e contra o próprio Deus.

Portanto, percebe-se que, de modo geral, prosperar é conseguir realizar algum empreendimento com sucesso e ter êxito na conclusão de algum plano. O sujeito da prosperidade pode ser Deus, a palavra de Deus, o ser humano – inclusive os perversos – e outros objetos.

### 1.3 O VERBO צלח NOS DICIONÁRIOS TEOLÓGICOS E SEUS SINÔNIMOS

No Oriente Médio Antigo, a raiz צלח ocorre no fenício e no púnico com significado: prosperar. No árabe, a raiz significa: estar em boa condição, prosperar. No aramaico significa: ser bem-sucedido, tornar próspero. O termo hebraico צלח significa: ser bem-sucedido ou fazer bem-sucedido. Como já mostrado anteriormente, o termo ocorre 65 vezes, 25 no tronco Qal (ser bem-sucedido, ser próspero, ser poderoso) e 40 no Hifil (tornar bem-sucedido, fazer próspero). “A palavra refere-se a ações bem-sucedidas em diferentes áreas da vida, usualmente com o sentido de concluir eficazmente o que se pretende”<sup>24</sup>.

No tronco verbal Qal, o verbo é usado 7 vezes com על ou אץ para descrever o Espírito de Deus “vindo sobre” (cf. ARA: apossando-se) os seus escolhidos a fim de os capacitar para o serviço (Sansão Cf. Jz 14.6; Saul, 1 Sm 10.6; Davi, 16.13). No tronco verbal Hifil, o verbo ocorre oito vezes seguido por דרך (caminho) para descrever o desenrolar bem-sucedido de uma viagem<sup>25</sup>.

Teologicamente, צלח destaca que Deus é o único que dá sucesso, cf. Ne 2.20: “o Deus dos céus é quem nos dará bom êxito”. Deus dá sucesso aos que: obedecem sua lei (Js 1.8; 1Cr 22.13; Sl 1.3); o buscam com zelo (2Cr 26.5); dependem da sua misericórdia e oram a ele (Gn 24.21, 40; Ne 1.11; Sl 118.25). Deus garante que a sua Palavra não voltará vazia, mas que será bem-sucedida para aquilo a que foi designada (Is 55.11). A vontade de Deus será bem-sucedida nas mãos do Servo Sofredor (Is 53.10). Os perversos também podem ser bem-sucedidos (Sl 37.7; Jr 5.28; 12.1; Dn 11.27), porém o sucesso deles é temporário e será destruído. Em muitos casos, o sucesso é simplesmente graça de Deus, por exemplo: José só teve sucesso porque “o Senhor era com José” (Gn 39.2-3)<sup>26</sup>.

O homem também pode ser sujeito do êxito de seu caminho (Dt 28.29; Js 1.8; Sl 37.7 - aplicado em sentido figurado a um projeto ou conduta) mas em dependência a Deus e através da sua piedade

23 **BÍBLIA de estudo**: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: SBB, 2012, p. 1015 [nota 8.9].

24 LUC, Alex., 2011, p. 800.

25 LUC, Alex., 2011, p. 800.

26 LUC, Alex., 2011, p. 800.



pessoal e fidelidade a lei<sup>27</sup>. Além da ação humana e divina, também há outros sujeitos: árvore (Sl 1.3; Ez 17.9), arma (Is 54.17), viagem (ser bem-sucedida, Jz 18.5), cinto (ser útil, Jr 13.7)<sup>28</sup>.

Conforme Lisowski, o uso do termo no Qal ocorre com os significados de: 1) penetrar eficazmente (10 vezes<sup>29</sup>); 2) ser bem-sucedido (14 vezes<sup>30</sup>). O uso do termo no Hifil ocorre com os significados de: 1) prosperar/para ter sucesso (29 vezes<sup>31</sup>); 2) para fazer prosperar (11 vezes<sup>32</sup>)<sup>33</sup>.

Em sentido concreto, no Qal, o verbo pode expressar, transitivamente, a passagem do Jordão (2Sm 19.18) e intransitivamente, a vinda profético-carismática do Espírito de Deus “sobre” uma pessoa (Jz 14.6, 19; 15.14; 1 Sm 10.6, 10) ou “a” ela (1Sm 16.13). Em ambos os casos se expressa um movimento do sujeito para alcançar alguma meta<sup>34</sup>.

SÆBØ aponta para uma distinção entre as raízes de *slh* I: penetrar, avançar; e *slh* II: estar em boas condições, prosperar. Recentemente se aceita uma evolução semântica unitária: penetrar, transpassar e sair bem; estes significados precedem ao significado tardio: dividir<sup>35</sup>.

A versão grega da Septuaginta (LXX) traduziu o verbo como εὐοδόω<sup>36</sup> = ir bem, prosperar<sup>37</sup>. No Hifil, a LXX traduziu todas as ocorrências por εὐοδόω, mas no Qal, a LXX traduziu por outros termos, por ex. na posse do Espírito do Senhor sobre Sansão, Saul e Davi aparece ἤλατο de ἄλλομαι = saltar, pular<sup>38</sup>. Em 2 Sm 19.18 aparece κατεύθυναν = levar, dirigir<sup>39</sup>. Em Nm 14.41 aparece εὐοδα de εὐοδος, = conduzir por um bom caminho. Em Ez 15.4 aparece χρήσιμον de χρήσιμος = útil, benéfico, vantajoso<sup>40</sup>. Em Ez 16.13 aparece ἐγένου de γίνομαι = tornar-se<sup>41</sup>.

No Novo Testamento, o termo εὐοδόω aparece apenas três vezes e somente no passivo = ter êxito, sucesso: apresentar-se uma boa oportunidade a alguém (Rm 1.10); conseguir, ganhar, poupar (1Co 16.2); conseguir, prosperar, ir bem (3 Jo 2)<sup>42</sup>.

Ao campo semântico do “êxito” pertencem também os verbos: כשר no Qal significa “ser acertado”, “sair bem” (Ec 11.6; Et 8.5); no Hifil significa “com acerto”; שכל no Qal significa “ter êxito” (1Sm 18.30), no Hifil significa “ter êxito, acerto” (Dt 29.8; Js 1.7,8; 1Sm 18.5,14,15; 1Rs 18.7; Is 52.13; Jr 10.21; Pv 17.8). Segundo SÆBØ, שכל “é um dos verbos hebraicos que expressam ao mesmo tempo uma ação e seu resultado. Este significado amplo recorre a experiência de que a conduta sábia conduz ao êxito”<sup>43</sup>.

A raiz כשר ocorre uma vez no livro de Ester e cinco vezes no livro de Eclesiastes. Em Et 8.5 o verbo tem significado “ser certo/aprovado” e é usado como paralelo de “achar favor” quando Ester faz um pedido diante do rei Assuero. O uso de “achar favor” aponta para a pessoa que está fazendo o pedido, enquanto כשר aponta para o “assunto”. A ênfase estava no sucesso do assunto e não nos atributos da pessoa. Em Ec 11.6, o autor adverte contra a preguiça, pois ninguém pode ter controle sobre o futuro a fim de assegurar-se do sucesso. O substantivo de כשר se refere a algo obtido ou alcançado. O substantivo ocorre três vezes em Ec e comentam negativamente sobre o sucesso. Em Ec 2.21, o pregador observa que o “sucesso” de alguém muitas vezes é desfrutado por outros que não trabalharam por ele. Conforme Ec 4.4, o sucesso na vida várias vezes é motivado pela inveja. O sucesso pode ser obtido com o esforço do homem, mas, no contexto do livro, todos os empreendimentos humanos são inúteis se não estiverem

27 SÆBØ M. “צלה” In: JENNI, Ernst. **Diccionario teologico manual del Antiguo Testamento**. Madrid: Cristiandad, 1978. p. 697-698.

28 LUC, Alex., 2011, p. 800.

29 Jz 14.6; 14.9; 15.14; 1Sm 10.6; 10.10; 11.6; 16.13; 18.10; 2Sm 19.18; Am 5.6.

30 Nm 14.41; Is 53.10; 54.17; Jr 12.1; 13.7; 13.10; 22.30; Ez 15.4; 16.13; 17.9; 17.10; 17.15; Sl 45.5; Dn 11.27.

31 Gn 39.2; Dt 28.29; Js 1.8; 1Rs 22.12; 22.15; Is 48.15; 55.11; Jr 2.37; 5.28; 32.5; Sl 1.3; 37.7; Pv 28.13; Dn 8.12. 8.24; 8.25; 11.36; 1Cr 22.11; 22.13; 29.23; 2Cr 7.11; 13.12; 14.6; 18.11; 18.14; 20.20; 24.20; 31.21; 32.30.

32 Gn 24.40; 24.42; 24.56; 39.3; 39.23; Rs 18.5; Sl 118.25; Ne 1.11; 2.20; 2Cr 26.5.

33 LISOWSKY, Gerhard. **Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament**. 3 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993, p. 1218.

34 SÆBØ M., 1978, p. 396.

35 SÆBØ M., 1978, p. 694-695.

36 LUC, Alex., 2011, p. 801.

37 **Dicionário Bíblico Strong**: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. Barueri: SBB, 2002, p. 1379.

38 **Dicionário Bíblico Strong**: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. Barueri: SBB, 2002, p. 1173.

39 GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento**: Grego-Português. São Paulo, SP: Vida Nova, 1984, p. 113.

40 GINGRICH, F. Wilbur., 1984. p. 224.

41 GINGRICH, F. Wilbur., 1984. p. 47.

42 RUSCONI, Carlo. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. 4. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2011, p. 205.

43 SÆBØ M., 1978, p. 698.

na dependência de Deus. No AT, o significado de “sucesso” a partir da raiz כשר descreve em primeiro lugar sucesso material por meio do esforço do homem<sup>44</sup>.

A raiz hebraica שכל significa no Qal (1x) “ter sucesso” e no Hifil (59x, mais 14x no participio do Hifil) “entender, ver, tornar sábio, ter sucesso, agir com discernimento ou devoção”. Como substantivo ocorre 16 vezes. Normalmente a palavra é usada na literatura associada à sabedoria.

O uso teológico de שכל conota dar discernimento, como dádiva de Deus, pois seu bom espírito instrui as pessoas (Ne 9.20). Em Gn 3.6, o assunto é como os homens adquirem sabedoria, mas, sem levar em conta aquele que lhes dá essa sabedoria. O povo de Deus deve observar os feitos de Deus (Sl 64.9; 106.7; Is 41.20) e os caminhos de Deus (Ne 8.13; Sl 101.2; 119.99), nos quais a vida desse povo poderá prosperar. A presença e a ação de Deus na vida da pessoa que obedece podem resultar em bom sucesso (Js 1.7-8; 1Sm 18.14,30). Deus fará com que o caminho do servo sofredor seja próspero (Is 52.13)<sup>45</sup>.

A diferença entre צלה e seu sinônimo כשר é que, כשר descreve sucesso material por meio do esforço do homem, enquanto צלה é usado várias vezes tendo Deus como sujeito, enfatizando que é ele quem dá o sucesso<sup>46</sup>. E, a diferença entre צלה e seu outro sinônimo שכל é que, o último está ligado à sabedoria. Isto pressupõe um relacionamento da pessoa sábia com Deus, pois observa os feitos e os caminhos de Deus e obedece aos seus mandamentos, o que pode resultar em prosperidade e sucesso para esta pessoa. Enquanto צלה, também é usado para se referir aos perversos como os sujeitos da própria prosperidade.

Deve-se mencionar que algumas versões das Bíblias em português também traduzem outros termos<sup>47</sup> hebraicos como “prosperar/prosperidade”. No Salmo 25.13 por exemplo: “na prosperidade repousará a sua alma” (cf. a versão Almeida Revista e Atualizada). No hebraico o termo usado é o substantivo טוב (bem físico e psicológico: bem, dita, felicidade, prosperidade, fortuna, bem-estar; prazer, satisfação; boas notícias; chuva)<sup>48</sup>. Em Ester 10.3 “[...] tendo procurado o bem-estar do seu povo e trabalhado pela prosperidade de todo o povo [...]”. O termo hebraico usado é substantivo שלום (paz, amizade, felicidade, bem-estar, prosperidade, saúde, sorte, bondade, salvação)<sup>49</sup>. Porém, צלה permanece sendo o principal verbo para se falar de prosperidade no AT.

Portanto, a partir da análise feita nos itens 2.1 e 2.2, associado as contribuições dos dicionários teológicos, pode-se concluir que prosperidade é concluir com êxito aquilo que se pretende, ter sucesso no desenvolvimento de alguma tarefa. A prosperidade está ligada às ações de Deus ou das pessoas. Esta ideia permanece de modo geral, tanto no Qal, como no Hifil. Porém, no Hifil, por ser o tronco causativo, ocorre muitas vezes o fato de o sujeito fazer alguém outro prosperar. Como sujeitos do verbo tem-se o próprio Deus, o seu Espírito, a sua Palavra, a sua Vontade, o ser humano, servos de Deus, pessoas que agem contra Deus (ímpios), uma arma, o caminho e um cinto. Teologicamente, צלה aponta para Deus como a fonte da prosperidade, enquanto o seu sinônimo כשר aponta para o sucesso adquirido através de esforços humanos. Já o sinônimo שכל aponta para o sucesso dos sábios (daqueles que temem a Deus).

44 LUC, Alex. “כשר” In: VANGEMEREN, Willem A. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. v. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 736-737.

45 FRETHERM, Terence F. “שכל” In: VANGEMEREN, Willem A. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. v. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 1236.

46 LUC, Alex., 2011, p. 737.

47 Estes termos não serão aprofundados aqui, pois o objetivo do presente trabalho é analisar o termo צלה, e a partir dele, tecer conclusões a respeito do que é prosperidade. Seria interessante desenvolver outra pesquisa a fim de analisar estes termos.

48 Cf. SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. São Paulo: Paulus, 1997. p.257.

49 NEL, Philip. J. “שלום” In: VANGEMEREN, Willem A. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. v. 4. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 131-132.

## 2. KENNETH HAGIN E SUAS CONCEPÇÕES DE PROSPERIDADE

Kenneth E. Hagin nasceu em 1917 no Texas (EUA). Hagin tinha um problema cardíaco congênito e leucemia. Segundo seu próprio relato, em 1933, Jesus Cristo o visitou e curou suas doenças. Este fato serviu de base para muitas pregações sobre a fé, como por exemplo “declarar a cura antes de vê-la”. Ele próprio dizia que parecia um morto-vivo indo para a escola enquanto muitos recomendavam que ficasse em casa. Mas, por ter conseguido se levantar de um leito, continuava declarando que estava curado. Por este motivo, Hagin é considerado um precursor do movimento da Palavra da Fé<sup>50</sup>. Este movimento tem como base a crença de que se alguém crê na Palavra de Deus e a confessa, então o crente deverá receber aquilo que confessa (cf. Mc 11.22-23).

Hagin era ministro da igreja Batista, mas em 1937 foi batizado pelo Espírito Santo, passou a falar em línguas e foi praticamente obrigado a sair daquela denominação. Então juntou-se aos pentecostais<sup>51</sup>. Em 1949, Hagin deixou sua última igreja e ingressou no chamado “ministério de campo”. Ele ia de igreja em igreja para dirigir cultos de avivamento<sup>52</sup>.

Em 1970, Hagin fundou a *International Convention of Faith Churches and Ministers* (Convenção Internacional de Igrejas e Ministros da Fé). E em 1974 ele fundou o *Rehema Bible Training Center* (Centro de Treinamento Bíblico Rhema), em Oklahoma. Este centro de treinamento está presente em vários países. Atualmente existem cerca de 81 centros de treinamento do Rhema só no Brasil. Hagin influenciou diversos ministérios e líderes no Brasil, como o missionário R. R. Soares, o Apóstolo Renê Terra Nova e Pr. André Valadão entre outros<sup>53</sup>. Hagin faleceu em 19 de setembro de 2003 em Tulsa nos EUA.

Ao longo de sua vida, escreveu 73 livros. Dentre eles, três abordam o assunto da prosperidade. O primeiro livro no qual aborda o tema da prosperidade é intitulado *Como Deus me ensinou a respeito da prosperidade*<sup>54</sup> e foi lançado em 1985. O livro é composto por quatro capítulos entrelaçados com relatos autobiográficos e os ensinamentos de Deus sobre a prosperidade. O tema da prosperidade é iniciado com uma “conversa com Deus”. O autor afirma ter recebido uma revelação do céu, na qual o próprio Deus lhe advertiu sobre sua postura de não praticar o que prega e por não estar disposto a “querer o bem desta terra” (cf. Isaías 1.19). O Senhor também disse a Hagin que Adão era originalmente o deus deste mundo. Mas Adão se vendeu a Satanás, então Satanás tornou-se o deus deste mundo. Assim, Hagin é animado por Deus a “tomar posse”, ou seja, reivindicar o que quer e o que necessita dizendo a Satanás: “tire as suas mãos do meu dinheiro!”. Por fim, Hagin relata que passou a praticar os ensinamentos recebidos de Deus<sup>55</sup>.

Portanto, a principal tese de Hagin é a de que Adão traiu a Deus, pois vendeu tudo o que Deus o havia dado ao Diabo. Dessa forma, para se obter prosperidade é preciso em primeiro lugar que a pessoa esteja disposta, que ela queira ser próspera e posteriormente reivindique a Satanás aquilo que se quer ou necessita.

No segundo livro, lançado em 1995 sob o título *Chaves Bíblicas para a Prosperidade Financeira*<sup>56</sup>, Hagin tenta estabelecer bases bíblicas para uma melhor compreensão da prosperidade, pois, como afirma introdutoriamente: “muitos fiéis nunca vislumbram a dimensão da prosperidade que Deus planejou para eles, e uma das razões é a falta de conhecimento sobre esse assunto”<sup>57</sup>. Novamente o tema é entrelaçado pela “conversa com Deus” e experiências pessoais, mas com a introdução de vários versículos bíblicos para defender suas teses. O pensamento do autor trabalha novamente com as teses do “querer” e do “reivindicar a Satanás” mencionadas anteriormente. Porém Hagin desenvolve outras teses ao longo dos sete capítulos.

50 Para mais informações a respeito, confira: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento\\_Palavra\\_de\\_F%C3%A9](https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Palavra_de_F%C3%A9)>.

51 HAGIN, Kenneth E. **Chaves bíblicas para a prosperidade financeira**. Taquara: Graça Editorial, 2000, p.161.

52 HAGIN, Kenneth E. **O toque de Midas**: uma abordagem equilibrada para a prosperidade bíblica. Taquara: Graça Editorial, 2003. p. 24.

53 Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Kenneth\\_Hagin](https://pt.wikipedia.org/wiki/Kenneth_Hagin)>. Acessado em: 11/05/2017.

54 Título original: “How God Taught Me about Prosperity”.

55 HAGIN, Kenneth E. **How God Taught Me about Prosperity**. Tulsa: Kenneth Hagin Ministries, 1985.

56 Título original: “Biblical Keys to Financial Prosperity”

57 HAGIN, Kenneth E. **Chaves bíblicas para a prosperidade financeira**. Taquara: Graça Editorial, 2000, p. 7.



No primeiro capítulo “Miséria: bênção ou maldição?”, o autor afirma que “miséria é uma maldição, prosperidade é uma bênção”<sup>58</sup>. Ele argumenta, a partir de 2 Co 8.9, que Jesus Cristo morreu em nosso lugar, ou seja, Jesus se tornou materialmente pobre por nós, Ele foi nosso substituto, para nos livrar da morte espiritual e da maldição da lei – que também inclui enfermidade e miséria<sup>59</sup>.

Israel recebeu promessa de prosperidade da parte de Deus se obedecesse às leis (cf. Deuteronômio 28). Nós hoje, sob a nova aliança, também temos um mandamento a guardar, a fim de prosperarmos: é o mandamento do amor (Gl 5.14). Nós somos herdeiros da bênção dada a Abraão (cf. Gl 3.14, 29), que era uma bênção tríplice: espiritual, física e financeira. Deus prometeu a Abraão que o faria enriquecer (Gn 12.2,3; 13.2). Assim, como a bênção da promessa para Abraão se estende a nós hoje, Deus da mesma forma nos fará ricos. Não milionários, mas ricos, pois riqueza significa ter grande quantidade, abundância<sup>60</sup>.

O autor escreve que muitas pessoas pensam que ter dinheiro é pecado, e que outras pessoas são pobres porque desonram a Deus. O problema não é ter dinheiro, mas o dinheiro ter você, pois a raiz de todos os males não é o dinheiro, mas o amor ao dinheiro (1 Tm 6.10)<sup>61</sup>.

Hagin conclui este capítulo alegando que Deus quer que seu povo tenha suas necessidades supridas. Por este motivo, devemos crer em sua palavra, pois ela garante que fomos redimidos da maldição e da miséria. Ele também convoca o leitor a exercitar sua fé e conservar suas motivações certas ao contribuir. Quem agir assim receberá também a bênção de Abraão.

No segundo capítulo, o autor aborda as “qualificações para andar em prosperidade”. Deus quer que os seus filhos sejam prósperos. Ele quer que tenham as boas coisas da vida, pois sua palavra afirma: “se quiserdes, e ouvirdes, comereis o bem desta terra” (Is 1.19). Porém, em primeiro lugar, Deus não quer que comamos o melhor desta terra. Hagin adverte que se deve priorizar o espiritual ao material. Pessoas estão mais interessadas em fazer riquezas do que em servir a Deus. E uma das condições para que haja prosperidade é estimar pouco as coisas terrenas e mais as coisas espirituais. Deus quer que as pessoas prosperem financeiramente, mas a prosperidade depende das nossas prioridades<sup>62</sup>.

Deus disse aos israelitas que, se eles obedecessem aos seus mandamentos, Ele tiraria do meio deles as enfermidades (Êx 15.26). Deus também falou da prosperidade material dos israelitas: os cestos e amassadeiras seriam abençoados, os celeiros seriam cheios e eles seriam colocados como cabeça e não como cauda (Dt 28.5,8,13; Pv 3.10). Com base em 3 Jo 2.2, Hagin também defende que a prosperidade física e material dependem da prosperidade espiritual<sup>63</sup>.

Com base no Salmo 1.1-3, o autor ressalta que é da vontade de Deus que o seu povo prospere. Hagin afirma que, se as pessoas tiverem fé e se souberem priorizar as coisas mais importantes, podem realizar curas ou qualquer outra coisa que a Palavra de Deus promete (prosperidade, saúde, uma família feliz, vida longa)<sup>64</sup>. Segundo Hagin, o próprio Deus disse a ele que estava qualificado no aspecto da obediência, mas não estava qualificado quanto ao querer, ou seja, à disposição de coração. Com essa resposta de Deus, o autor escreve que fez um pequeno ajuste no seu espírito e passou a querer “comer o bem desta terra”<sup>65</sup>. Para “comer o melhor desta terra” (Is 1.19) as pessoas devem manter seus pensamentos, forma de crer e o seu falar em sintonia com a Palavra de Deus<sup>66</sup>.

Em seu primeiro ministério, Hagin aprendeu que era errado possuir alguma coisa. Os membros oravam pelos pastores dizendo: “Senhor Deus, conserva-o humilde e nós o conservaremos pobre”. Depois, quando foi para o meio pentecostal ouviu a mesma frase. Por isso, após assumir seu ministério independente, Hagin passou a defender que não é errado possuir as coisas deste mundo<sup>67</sup>.

58 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 19.

59 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 9.

60 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 31.

61 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 34-35.

62 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 38.

63 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 39.

64 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 44.

65 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 47.

66 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 48.

67 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 49.

No terceiro capítulo, o autor aborda a “Nossa autoridade na área das finanças”. Com base em Gn 1, Hagin descreve a conversa na qual Deus lhe relatou que após ter criado Adão e Eva: “Eu vos dou domínio sobre todas as obras de minhas mãos”. Deus também lhe mostrou os textos do Sl 50.10,12 relatando que Deus criou todos os animais e que a Ele pertence o mundo e a sua plenitude, e de Ag 2.8: “minha é a prata, e meu é o ouro, disse o Senhor dos Exércitos”. Tudo pertence a Deus porque foi ele quem criou. E para que Deus criou isso tudo? Para Adão. Aqui, Hagin retoma sua tese descrita já no primeiro livro (citado acima) de que Deus fez todas as coisas e as deu a Adão, mas este cometeu alta traição contra Deus entregando tudo nas mãos de Satanás. Para Hagin, Adão era o deus deste mundo, porque Deus entregou em suas mãos tudo o que havia criado. O autor se ampara em 2 Co 4.4, em que é dito que Satanás é o deus deste século. Satanás só se tornou o deus deste mundo porque Adão foi um traidor e entregou tudo nas mãos dele, pois Adão tinha o direito legal de fazer isso<sup>68</sup>. Outra prova de que Satanás é o deus deste mundo e detém as coisas em seu poder está em Lc 4.6,7 no contexto da tentação de Jesus. Conforme o autor, Satanás não estava mentindo, pois Jesus foi verdadeiramente tentado. Satanás pôde oferecer a Jesus todos os reinos deste mundo porque Adão entregou tudo a Satanás. Por isso, Deus disse a Hagin que o dinheiro por ele pedido em oração não estava com Deus no céu, mas estava na terra. Portanto, o que quer que ele necessite, deveria reivindicar<sup>69</sup>.

O autor passa a explicar por que todo crente tem a autoridade para reivindicar que suas necessidades sejam atendidas, pois Jesus veio ao mundo e derrotou a Satanás, garantindo nossa vitória total. Hagin escreve “Devemos usar a autoridade dada por Deus para impor a derrota a Satanás e desfrutar as bênçãos que Deus nos deu em Cristo, inclusive a prosperidade financeira”<sup>70</sup>. Além de reivindicar a Satanás para tirar a mão do “nosso dinheiro”, o autor escreve ter recebido outro ensino de Deus. Ele deveria dizer aos “espíritos ministradores” (cf. Hb 1.14) para trazer o dinheiro até ele<sup>71</sup>. Para receber as bênçãos de Deus, há participação humana e participação divina. O Ser humano deve obedecer à Deus, pensar e agir de acordo com a sua Palavra. Fazendo isto, a fé trará a manifestação daquilo que Deus proveu para você em Seu grande plano de redenção<sup>72</sup>.

No quarto capítulo, o autor explica como liberar sua fé. Hagin revela que há alguns segredos para que as pessoas possam se apropriar das promessas divinas. É preciso aplicar a fé às finanças. A base para o autor está em Mc 11.23 (“a fé que move montanhas”). O autor relata várias experiências vivenciadas em outras igrejas e como colocava em prática os ensinamentos recebidos de Deus sobre a prosperidade e como tudo estava funcionando. A partir de pregações e atitudes de fé, as ofertas aumentavam de valor naquelas igrejas. Hagin defende que a palavra de Deus funciona da seguinte maneira: coloque-a no coração, obtenha a revelação em seu espírito, tenha convicção no próprio coração e declare. Meditando na palavra, a fé entrará no coração e se tornará uma realidade dentro das pessoas. Então elas poderão exercer a fé na área financeira. Poderão dizer com a boca aquilo que creem no coração, dessa forma os resultados virão<sup>73</sup>.

No capítulo cinco, Hagin enfatiza que, para receber as bênçãos de Deus, os membros das igrejas devem honrar o seu pastor (líder espiritual). A partir de 1Tm 5.17,18, o autor escreve que se deve render a cada um aquilo que lhe é devido, especialmente aos que se empenham na palavra e no ensino. E a partir de 1 Tm 5.18: “Digno é o obreiro do seu salário”. Com isso, Hagin quer que o ofício dos pastores tenha grande estima por parte dos membros das igrejas. Honrar o pastor significa: “repartir todos os seus bens com aquele que o instrui” (cf. Gl 6.6)<sup>74</sup>. Este padrão bíblico é importante para obter a prosperidade financeira, pois “É necessário honrar o ministério e o homem que desempenha a função de pastor, quem age assim tem vida próspera!”<sup>75</sup>. Para o autor, as igrejas que sustentam seus pastores sempre prosperam, pois igrejas e membros colhem aquilo que semeiam (Gl 6.7). Já as igrejas que pagam um salário baixo

68 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 51.

69 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 52-55.

70 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 55.

71 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 65.

72 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 72-73.

73 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 93.

74 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 99.

75 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 101.

aos pastores nunca prosperarão<sup>76</sup>. Hagin relata que em certa igreja, quanto mais eles aumentavam o auxílio pastoral, mais o Senhor os abençoava<sup>77</sup>.

No sexto capítulo, Hagin discorre sobre a “lei da sementeira” com base em 2 Co 9.6. Não se pode esperar uma colheita, natural ou sobrenatural, sem ter semeado previamente. Isso se aplica à área financeira: se você quer colher com fartura, deverá semear do mesmo modo<sup>78</sup>. Obediência à Palavra de Deus é um critério para obter recompensa, defende o autor. Hagin se ampara também em Mt 3.10 “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor [...]”<sup>79</sup>. Para o autor, há tanto leis naturais como leis espirituais, e elas funcionam para todos<sup>80</sup>. Assim, as pessoas devem cooperar com as leis de Deus no tocante a dízimos e ofertas, e a respeito das ofertas extras. As pessoas devem ser sensíveis ao Espírito Santo, pois ele mostrará como e quando ofertar. Porém, o autor adverte que não se deve dar ofertas extras só porque outras pessoas ofertaram, mas ofertar porque Deus as conduziu para isso<sup>81</sup>.

No último capítulo, o autor discorre sobre a piedade, que para tudo é proveitosa (1 Tm 4.8,15). A partir disso, Hagin alega que a piedade para tudo é proveitosa e isso se refere à prosperidade para o homem completo (corpo, alma e espírito). Mas também é algo que vai para além da prosperidade material e financeira<sup>82</sup>. Hagin argumenta que o fato de a piedade ser proveitosa significa que ela traz recompensa para a vida presente e para a vida futura. Piedade significa viver para Deus, ou seja, ser exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza (cf. 1 Tm 4.12). O autor rebate a ideia de muitos cristãos de que viver para Deus não implica recompensa já para esta vida<sup>83</sup>.

O autor defende que a piedade é benéfica em vários aspectos. Ela é útil para proteger, promover, preservar e prosperar<sup>84</sup>. Apesar de defender que a piedade garante proteção, Hagin também reconhece que o justo passa por aflições (Sl 34.19). Assim, servir a Deus não garante isenção a problemas<sup>85</sup>. Hagin defende que Deus recompensa a fidelidade. Para que Deus faça alguém prosperar, essa pessoa precisa se esforçar. Se a pessoa não colocar Deus em primeiro lugar ela terá problemas<sup>86</sup>. A piedade também garante longevidade. Hagin argumenta que os homens sanguinolentos e fraudulentos não viverão a metade dos seus dias (cf. Sl 55.23). Mas o benefício da piedade, para Hagin, com base em Pv 3.2, é: “porque eles aumentarão os teus dias e te acrescentarão anos de vida e paz”<sup>87</sup> e “O temor do Senhor aumenta os dias, mas os anos dos ímpios serão abreviados” (Pv 10.27). Por fim, o autor escreve que a piedade garante prosperidade. Em 2 Cr 26.5 a prosperidade, segundo o autor, é material.

A partir de Js 1.8, Hagin escreve que Deus é o autor da vida e da prosperidade, mas, assim como Ele disse a Josué (“farás prosperar o teu caminho”), depende de a pessoa tornar-se próspera ou não. A prosperidade da pessoa, intelectualmente, na escola, no trabalho ou nas finanças depende dela mesma. Porém ele também adverte que é preciso ter sabedoria para lidar com as coisas. Então apresenta uma nova tradução de Js 1.8: “[...] você terá capacidade para lidar sabiamente com os negócios dessa vida”<sup>88</sup>. Para ter essa sabedoria, “Basta que a Palavra de Deus não se aparte de sua boca e que você medite nela de dia e de noite. Você deverá observá-la e praticá-la, e então Ela fará prosperar seu caminho”<sup>89</sup>.

Por fim, Hagin apresenta as razões do porquê muitas pessoas não prosperam. Ele relata o caso de um milionário que era dizimista e dava ofertas, mas que era desonesto nos seus negócios e por isso perdeu tudo o que tinha, pois Deus não honra tal atitude. Para o autor, o texto de Sl 1.3 se refere à prosperidade material: “certamente a Palavra de Deus nos fala da prosperidade material, pois a bíblia nos

76 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 102.

77 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 105.

78 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 119.

79 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 121.

80 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 122.

81 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 127.

82 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 139.

83 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 142.

84 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 143.

85 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 147.

86 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 153.

87 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 157.

88 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 160.

89 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 161.

assevera: e tudo quanto fizer prosperará (Sl 1.3)<sup>90</sup> e para alcançá-la é preciso meditar na palavra de Deus dia e noite (Sl 1.2), no mesmo sentido, se apoia em Mt 6.33 “buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas”<sup>91</sup>. A ausência dessa atitude leva as pessoas a não prosperarem, bem como a preguiça, a extravagância e a má administração daquilo que possuem<sup>92</sup>.

Conclui-se, portanto, que, para Hagin, a prosperidade é espiritual, física e material. Apesar de as prosperidades financeiras e material serem mais citadas e aprofundadas ao longo do livro, o autor destaca que é preciso priorizar o espiritual em relação às coisas materiais. Deus criou a prosperidade e quer que os seus seguidores sejam prósperos, mas para isso as pessoas devem crer e praticar a Sua Palavra. Para prosperar é preciso reivindicar a Satanás o que queremos e precisamos, é necessário ter fé, honrar a Deus e aos pastores, dar dízimos e ofertas (sem querer nada em troca, mas saber que “quem semeia com fartura, colherá com fartura”), fazer a sua parte cooperando e praticar a piedade. Não prospera quem é preguiçoso, extravagante (gastador) e mau administrador.

Em seu terceiro livro, intitulado *O Toque de Midas: uma abordagem equilibrada para a prosperidade bíblica*, Hagin busca um equilíbrio, pois muitos ao tentarem encontrar o caminho bíblico da prosperidade financeira acabaram caindo no que ele chama de “valas de erro”, mas é preciso caminhar pela via principal, a do equilíbrio.

Para contextualizar, Hagin remonta ao personagem da mitologia grega chamado Midas, um rei muito rico que passava horas do dia contando sua riqueza. Ele adquiriu o dom do toque de ouro, mas, acabou se tornando o mais infeliz de todos, pois tudo o que tocava virava ouro: a comida, bebida e até sua filha virou ouro. Midas encontrou um ser vestido de branco e disse que preferia desistir de todo o ouro do mundo se sua filha lhe fosse devolvida. Tal ser ordenou-lhe banhar-se em determinada nascente, e trazer de sua água para derramar sobre sua filha e outros objetos que quisesse restituir à forma original. Após a restauração, Midas percebeu que a família, a comida e a beleza natural eram mais valiosas que o ouro<sup>93</sup>.

Hagin escreve que, na vida real, não há conto de fadas. Não existe o toque de Midas e nem há fórmula mágica para o sucesso material. No entanto, para aqueles que desejam ser dedicados ao trabalho de sua mente e suas mãos, há uma oportunidade, visto que existem princípios bíblicos a respeito da prosperidade e das bênçãos que Deus concede de acordo com sua Palavra<sup>94</sup>.

O livro é estruturado em nove capítulos. O primeiro capítulo baseia-se no Salmo 118.25: “Oh! Salva-nos, Senhor, nós te pedimos; Oh! Senhor, concede-nos prosperidade!”. Hagin esclarece que entende prosperidade como bem-estar espiritual, saúde física, bênçãos materiais e financeiras<sup>95</sup>. O autor aponta que, neste texto, o vocábulo grego usado na tradução é *euodoo* (*eu* = bom + *hodos* = caminho, ou seja, um bom caminho ou uma boa jornada). Portanto, mesmo que esse exemplo não signifique especificamente prosperidade financeira, significa uma jornada boa e próspera. Ele argumenta que alguém não pode ter uma jornada boa e próspera se não tiver as provisões adequadas para esta viagem (sem dinheiro, carente, em total pobreza e tendo uma estrada pela frente). Esta palavra grega também é usada por Paulo quando orienta os cristãos de Corinto a separarem algum dinheiro a cada semana, pois Deus os faria prosperar (cf. 1Co 16.2)<sup>96</sup>.

O autor critica o pensamento de cristãos de que possuir bens é errado, mas isso é contrário à Palavra de Deus, que fala de prosperidade material também. Há muitos servos de Deus que foram prósperos: Abraão (Gn 13.2); Salomão (1 Rs 10.7); Jó, que também era alguém próspero (Jó 1.3), e depois de ter perdido tudo, Deus restaurou as suas riquezas novamente (42.12); o rei Uzias (2 Cr 26.5). Hagin conclui que Deus não é contra a prosperidade<sup>97</sup>. A seguir, o autor estabelece requisitos para ser

90 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 163.

91 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 163.

92 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 164-168.

93 HAGIN, Kenneth E. **O toque de Midas: uma abordagem equilibrada para a prosperidade bíblica**. Taquara: Graça Editorial, 2003, p. 9-10.

94 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 11.

95 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 15.

96 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 16.

97 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 20.

próspero: “gostar dos bens materiais superficialmente”<sup>98</sup>; priorizar os assuntos espirituais; querer “comer o bem desta terra” (Is 1.19) e obedecer à Palavra de Deus, mas manter os seus motivos puros<sup>99</sup>.

No segundo capítulo, Hagin discorre sobre a sua principal tese (já apresentada anteriormente) de que Deus entregou a Adão a prata e o ouro e todos os animais, mas Adão se vendeu, entregando tudo isto nas mãos de Satanás. Agora, para que possamos prosperar, devemos reivindicar a Satanás (o deus deste mundo) o que precisamos. Jesus derrotou as obras do diabo, inclusive a pobreza e a carência, e nos deu autoridade para reivindicar aquilo de que necessitamos<sup>100</sup>.

O autor relata que compartilhou a revelação que recebeu de Deus sobre prosperidade com um homem que havia sido missionário na China. Ao ouvir esta revelação, o missionário disse a Hagin que teve a mesma revelação muitos anos antes. Com este relato, percebe-se que Hagin quis dar validade à revelação que recebeu.

O terceiro capítulo tem o objetivo de combater ideias de pessoas que se opõe à prosperidade material para cristãos, argumentado que Jesus foi pobre durante o tempo em que viveu na terra. O autor defende que Jesus nasceu em um estábulo, não porque seus pais não tinham dinheiro para pagar um quarto, mas porque as hospedarias estavam lotadas, não havendo lugar para eles. A partir de 2 Co 8.9, ele argumenta que Jesus não foi pobre durante toda sua vida, nem mesmo durante seu ministério e que ele se tornou pobre somente sobre a cruz, quando se tornou nosso substituto e pagou o preço por nossos pecados<sup>101</sup>. Jesus assumiu sobre si o que pertencia a nós, para que nós pudéssemos receber o que pertence a Ele (Cf. Is 53.4-6, 10). Hagin argumenta que a palavra paz (Is 53.5) é a tradução do hebraico *shalom*, que significa: seguro, bem, feliz, bem-estar, saúde, prosperidade e repouso. Assim, Jesus carregou nossas dores e iniquidades a fim de que, pelo seu sofrimento recebêssemos cura, paz, segurança, bem-estar, felicidade, descanso e prosperidade<sup>102</sup>. Hagin defende que, na cruz, Jesus tomou nossa pobreza para nos prover das riquezas da sua graça. Jesus tornou-se pobre para que pudéssemos ser ricos (provisão abundante) (cf. 2 Co 8.9).

Hagin faz uma “varredura” nos evangelhos para provar que Jesus não era pobre. Inicia com os presentes valiosos (ouro, incenso e mirra) que lhe foram dados no nascimento pelos sábios (Mt 2.11), e com esses presentes, José, Maria e Jesus puderam fugir de Herodes para o Egito e se manter por lá durante o tempo necessário. Jesus, também teve mantenedores em seu ministério, afinal, para sustentar doze ou mais pessoas em todas as viagens que faziam, Jesus deveria ter dinheiro suficiente, e esse dinheiro vinha de ajudantes (Lc 8.1-3)<sup>103</sup>. Em Mt 4.12,13; Mt 9.1; Mc 2.1 fica evidente que Jesus tinha uma casa na cidade de Cafarnaum e também fazia milagres para suprir suas necessidades (cf. Mt 17.24-27; Mt 14.15-21; 15.32-39). Jesus e seus discípulos ajudavam pobres financeiramente e regularmente (cf. Jo 13.27-29). Jesus tinha dinheiro, porque Judas era seu tesoureiro encarregado. Jesus também fazia distinção entre si e os pobres (cf. Jo 12.8). Jesus não se incomodou com o perfume caro usado na unção de seus pés (cf. Jo 12.1-8). Jesus é o criador do mundo (Jo 1.3; Cl 1.16) e criou um lar maravilhoso para si (Cf. Ap 21.10-12, 18, 19, 21). Portanto, Jesus não era pobre, indigente, necessitado, destituído de bens materiais, frágil, desprezado, digno de pena ou compaixão, inferior, insuficiente, incapaz de manter-se. Pelo contrário, ele era próspero, ou seja, tinha sucesso financeiro, estava em boa situação financeira, era abastado, bem-sucedido e saudável<sup>104</sup>. O autor acrescenta que Jesus não viveu de modo extravagante e luxuoso, tampouco era pobre e não passou necessidades, mas andou em prosperidade conforme a aliança de Deus com Abraão<sup>105</sup>.

No quarto capítulo, o autor discorre sobre o propósito da prosperidade para o cristão, que, segundo ele, é fazer a obra e a vontade do Senhor (salvar os perdidos)<sup>106</sup>. “Na economia de Deus,

98 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 22.

99 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 28.

100 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 39.

101 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 53.

102 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 54.

103 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 58.

104 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 72.

105 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 74.

106 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 76.



prosperidade é o meio para um fim – evangelizar o mundo”<sup>107</sup>. Deus quer que seu povo prospere, mas é preciso haver equilíbrio. Conforme o autor, quando uma pessoa passa por dificuldades e necessidades, Deus não é engrandecido, do mesmo modo que não O é quando uma pessoa vive de forma extravagante. As pessoas precisam ser prósperas, ter recursos suficientes para cumprir a “Grande Comissão” (Mc 16.15), mas, um povo pobre e com dificuldades não poderá cumprir esta missão. Por esta razão o autor alega que em toda a Bíblia, a obra de Deus era financiada pelos dízimos e ofertas do seu povo. São as ofertas que mantêm a pessoas que levam a palavra de Deus pelo mundo<sup>108</sup>.

A partir de (Mt 3.10-12), Hagin escreve o que Deus quer dizer com este texto:

Ele promete dinheiro por dinheiro: “Você me dá o dízimo”, diz Deus, “e Eu lhe darei bênçãos materiais e terrenas, habilidades manuais como mecânico; darei a você subordinados; você ganhará os melhores salários, crise alguma o atingirá. Estou com você, e verá o que tenho para dar-lhe. Farei de você um próspero homem de negócios. Vou guiá-lo para onde possa fazer bons empreendimentos. Trarei clientes até você, e, enquanto o seu vizinho, que nega minha causa, poderá falir, nada o atingirá. Cuidarei de suas contas e cuidarei para que não atrasem; cuidarei para que sua conta bancária sempre tenha o suficiente; em uma palavra, sou o seu parceiro e cuidarei de seus rendimentos e de seu negócio”<sup>109</sup>.

Hagin também lamenta que muitos cristãos não dão os dízimos, o que prejudica a obra de Deus. Argumenta que se todo cristão entregasse o dízimo de seus rendimentos, não haveria necessidade de métodos empresariais para levantar fundos. Se isso ocorresse, Hagin escreve que haveria o suficiente e “creio que o Reino do milênio estaria mais próximo, porque a conversão do mundo agora estaria reduzida a uma questão de dinheiro”<sup>110</sup>. O autor enfatiza que, ao dar o dízimo e ofertas, as pessoas tornam-se parte do que Deus realiza no mundo. Deve-se dar os dízimos por amor a Deus, em obediência à sua Palavra, para ajudar na “Grande Comissão”, para abençoar outras pessoas e dar com a expectativa e fé de que Deus honrará suas promessas<sup>111</sup>.

No quinto capítulo, Hagin responde à pergunta se os pregadores devem prosperar: sim, os pregadores devem ser prósperos. O autor defende que pessoas que virem algum ministro em situação financeira vulnerável, certamente não desejarão fazer parte de sua congregação. Se a igreja não der suporte aos pastores, ela passará por mais dificuldades<sup>112</sup>. Mas Hagin adverte que há pregadores que abusam de sua posição e influenciam o povo, visando o crescimento financeiro acima de tudo. A prosperidade dos pregadores é bíblica, pois em 1 Co 9.7-11, 13, 14 está escrito que “aos que pregam o evangelho que vivam [tenham o seu sustento] do evangelho”<sup>113</sup>. O autor também se apoia em Gl 6.6, 1Tm 5.17. Porém adverte que há uma série de qualificações para quem quer ser pastor: não amante do dinheiro (1Tm 3.2,3); estar satisfeito com o que tem (Hb 13.5); fugir do dinheiro (1Tm 6.10-11). O ministro também não deve fazer apelos emotivos para ofertas<sup>114</sup>.

Seguindo o capítulo, o autor utiliza várias páginas para relatar sua ida aos céus com Jesus, onde viu o trono de Deus, e sua ida ao inferno com Jesus, onde viu pessoas chorarem e arderem em chamas. Recebeu então a ordem de voltar para o mundo e proclamar arrependimento às pessoas. Adiante, Hagin descreve que, em sua ida ao céu, Jesus lhe deu uma unção especial para ministrar aos doentes. Deveria colocar suas mãos, uma de cada lado do corpo da pessoa enferma e se ele sentisse uma queimação nas mãos, então, se trataria de um espírito maligno; se não houvesse queimação nas mãos, seria apenas de um caso de cura. Jesus também lhe disse para não se desviar no tocante ao dinheiro, evitando adquirir benefícios para si. Ele poderia continuar recebendo ofertas para o seu sustento, mas nunca pedir uma oferta para si, deixando que outros pregadores peçam a o fizessem por ele<sup>115</sup>.

No sexto capítulo, o autor combate os abusos e falsas práticas de pregadores em relação à prosperidade. Hagin inicia destacando a necessidade de se gastar dinheiro todos os dias com tudo aquilo

107 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 77.

108 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 81.

109 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 84-85.

110 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 96.

111 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 97-98.

112 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 100.

113 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 101.

114 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 112.

115 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 121.

que precisamos. Diante disso, é necessário para o exercício do ministério levantar recursos<sup>116</sup>. O autor argumenta a partir de Lindsay que é triste ver que há inúmeros ministros que tentam levar dinheiro para missões de forma abusiva, da mesma forma como era praticado na idade média (venda de relíquias, ossos, indulgências etc.), sendo que atualmente vendem bolsas “abençoadas” que fazem o dinheiro multiplicar-se de modo sobrenatural, prometem o “dom” da prosperidade, o óleo “da unção”, entre outras coisas supostamente “abençoadas”<sup>117</sup>.

Hagin combate o ensino de pessoas que pregam que a prosperidade financeira é um sinal de espiritualidade. Ele argumenta que, se riqueza fosse sinal de espiritualidade, então os traficantes e líderes do crime seriam “gigantes espirituais”<sup>118</sup>. Outra crítica do autor atinge as pessoas ambiciosas, que dão o dízimo para manipular o Senhor: “Elas tentam fazer o cesto das ofertas uma máquina de vendas celestial, na qual se deposita sua oferta e recebe-se a benção em retorno. Este é, certamente, o motivo errado”. Hagin quer combater a ideia de que as pessoas derem algo a Deus como obrigação, Deus irá dar algo melhor a elas<sup>119</sup>. O autor escreve: “Creio que a prosperidade é para todos, mas Jesus disse quem nem todos prosperariam como a viúva de Sarepta”<sup>120</sup>.

O autor faz críticas contra várias práticas que não têm amparo na Palavra de Deus: o ensino de ministros para “nomear a semente”, isto é, dar uma oferta pensando em algo que deseja receber em troca; ministros que pregam que, ao dar generosamente, Deus retornará uma benção cem vezes maior<sup>121</sup>; ministros que dizem possuir a unção de “quebra de dívidas” ou da “multiplicação do dinheiro”<sup>122</sup>; ministros que dizem que se as pessoas ofertarem para eles, isso trará mais bênçãos a elas do que se ofertarem aos pobres ou à igreja local<sup>123</sup>; ministros que ensinam sobre “os primeiros frutos” em referência ao AT, quando o povo deveria levar os primeiros frutos aos sacerdotes, hoje, esses ministros dizem que os primeiros frutos (dízimos e ofertas) devem ser levados a eles, pois são como os sacerdotes do AT<sup>124</sup>; o ensino, com base em Pv 13.22b, de que a riqueza do mundo será transferida à igreja; uso de artifícios para manipular as pessoas a darem dinheiro<sup>125</sup>.

No sétimo capítulo, Hagin defende que sempre deve haver um ensino sólido e equilibrado da Palavra de Deus para evitar erros. Posições extremadas são sempre problemáticas<sup>126</sup>, e o mesmo se aplica à questão do dinheiro. Deve-se evitar os erros “da vala de um lado da estrada” – cujo ensinamento é de que o dinheiro é um mal a ser evitado, que Deus quer que seus filhos sejam pobres, que a pobreza demonstra humildade e que os pregadores não devem falar sobre dinheiro – e os erros “da vala do outro lado da estrada” – que o maior objetivo da fé é tornar-se rico, que Deus só se interessa com o bem-estar material das pessoas, que os ganhos materiais demonstram santidade e que os pregadores devem ensinar sobre dinheiro mais do que qualquer outro assunto. Hagin defende o caminho da verdade: “o centro da estrada” – que Deus deseja abençoar e prosperar seus filhos; que nós devemos buscar o Reino de Deus em primeiro lugar, que os pregadores devem ensinar a verdade da Palavra de Deus sobre o dinheiro, mas não devem servir a si mesmos, que os pregadores devem manter o ensinamento da prosperidade equilibrado com outras verdades da Bíblia<sup>127</sup>.

O autor também faz críticas aos cristãos que buscam “um pensamento de que o Espírito os inspirou enquanto estudavam as Escrituras, ficam empolgados e passam a explorar a Palavra de Deus para saber mais sobre o assunto e quando encontram poucas partes das Escrituras que apoiam suas ideias, eles logo pesquisam como loucos a Bíblia para provarem a sua teoria. Dessa forma, começam a se estabelecer o dogmatismo, sem perceberem completamente o que fazem, essas pessoas ignoram

116 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 135-136.

117 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 137-138.

118 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 141.

119 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 143-144.

120 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 145.

121 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 149.

122 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 157.

123 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 162.

124 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 168-169.

125 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 174.

126 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 181.

127 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 188.



versículos, jogam outros fora para provar o seu ponto de vista”<sup>128</sup>. Os extremos às vezes podem ser úteis para que haja movimento, mas é preciso combatê-los para que não se autodestrua, pois, argumenta o autor, “apenas a sabedoria vinda de cima pode revelar a síntese perfeita”<sup>129</sup>. Hagin também faz críticas aos extremismos dentro do próprio meio pentecostal como: ênfase extrema no movimento da fé; ênfase radical no movimento do Espírito Santo; ênfase no ensinamento da prosperidade<sup>130</sup>.

Hagin busca corrigir alguns ensinamentos a respeito da prosperidade. Combate o ensino de que para se ter sucesso financeiro deve se observar apenas um ato: dar. Esta não é a única chave para a prosperidade. Dar dízimos e ofertas são elementos bíblicos vitais para a prosperidade e deve-se conhecer o que a Bíblia diz sobre a prosperidade (Js 1.8). Neste sentido, não é só Deus que faz as pessoas prosperarem, elas mesmas podem fazer com que o seu caminho prospere<sup>131</sup>. Hagin relata que o seu filho, pregador como ele, orienta as pessoas para que trabalhem firmes, com diligência e a realizarem suas tarefas em seus empregos, pois quando elas realizam um bom serviço serão recompensadas. Não se deve confiar no trabalho ou na economia, mas em Deus como a Fonte. Deus usa, muitas vezes, o trabalho como canal para dar bênçãos às pessoas. Hagin salienta que “existe uma relação direta entre a prosperidade financeira e a quantidade de responsabilidade que alguém tem no trabalho”. Quem atua em áreas mais especializadas recebe grande recompensa financeira<sup>132</sup>. Mas as pessoas também devem se cercar de boas associações, evitando estar cercadas por pessoas incrédulas e cheias de dúvida, que reclamam o tempo todo e se associar a mentirosos ou desonestos<sup>133</sup>.

O autor evidencia que nem todos os que têm fé na prosperidade viverão em um palácio, dirigirão um carro luxuoso e se vestirão de roupas caras. Pois, argumenta Hagin, “a prosperidade é relativa. Para alguns, ser capaz de pagar suas contas e proporcionar os confortos básicos da vida para sua família é uma grande benção [...]. Em alguns países, ser próspero significa possuir uma bicicleta ou motocicleta, ou um boi para arar a terra e plantar grãos”<sup>134</sup>. Hagin reafirma que os dízimos e ofertas são para manter a obra de Deus, e essas ofertas devem ser planejadas e organizadas, por isso os ofertantes devem avaliar se os ministérios aos quais vão ofertar valem a pena<sup>135</sup>.

No capítulo oito, o autor aponta 24 princípios a respeito de dar e receber a partir das epístolas<sup>136</sup>.

No último capítulo, o autor explica que o propósito do livro foi mostrar, de forma clara, as verdades bíblicas a respeito da prosperidade. Deseja que os cristãos clamem pelas preciosas promessas de Deus e evitem as valas do erro do extremismo e da confusão<sup>137</sup>.

Portanto, percebe-se que os ensinamentos de Hagin sobre a prosperidade foram obtidos, em primeiro lugar, numa “conversa com Deus”, na qual Ele apontou algumas passagens bíblicas para mostrar para Hagin qual é a Sua vontade a respeito da prosperidade para o seu povo. No segundo livro, o autor amplia os ensinamentos sobre a prosperidade através de mais textos bíblicos para fundamentar sua

128 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 190.

129 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 195.

130 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 195-196.

131 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 200.

132 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 201.

133 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 202.

134 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 203.

135 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 206.

136 1. Os cristãos não são capazes de dar coisa alguma que não tenha origem em Deus (cf. Rm 11.33-35); 2. Alguns cristãos operam na graça especial de dar (cf. Rm 12.6-8); 3. Os cristãos são chamados para serem diligentes no trabalho (cf. Rm 12.11); 4. Os cristãos são chamados para serem responsáveis diante das obrigações financeiras (cf. Rm 13.6-8); 5. Os cristãos têm o dever de apoiar financeiramente aqueles que os tem abençoado espiritualmente (cf. Rm 15.25-27; Gl 6.6); 6. Os ministros têm o direito de receber auxílio financeiro pelo seu trabalho no ministério (cf. 1 Co 9.4-15; 1 Tm 5.17,18); 7. O amor deve motivar o ato de doar (cf. 1 Co 13.3); 8. Os cristãos devem praticar uma doação consistente e sistemática (cf. 1 Co 16.1,2); 9. Dar é uma ‘graça’ que pode ser exercitada no meio das situações desafiadoras (cf. 2 Co 8.1-9); 10. Deus quer que todos nós façamos a nossa parte ‘carregando o peso’ dar (cf. 2 Co 8.14, 15); 11. Os ministros devem ser éticos e acima de qualquer reproensão no cuidado das finanças da igreja (2 Co 8.20,21); 12. Paulo, claramente, ensina a lei da sementeira e colheita (cf. 2 Co 9.6-8; Gl 6.7-9); 13. Paulo procurava o coração das pessoas e não o dinheiro delas (cf. 2 Co 12.14-18); 14. Paulo era ávido de dar ofertas aos pobres (cf. Gl 2.9, 10); 15. Paulo e João encorajaram a caridade cristã entre os irmãos (cf. Gl 6.10; 1 Jo 3.17, 18). 16. Paulo exemplifica e ensina um trabalho fortemente ético (cf. Ef 4.28; Ef 6.5-8; Cl 3.22-24; 1 Ts 2.9; 4.11, 12; 2 Ts 3.8-12); 17. Paulo advogou brilhantemente e denunciou a cobiça (cf. Fp 4.11-13; Hb 13.5; 1 Tm 3.1-3, 8; Tt 1.7); 18. Paulo enfatizou a responsabilidade individual de suprir a própria família (1 Tm 5.8); 19. Os cristãos não devem amar o dinheiro ou confiar nele (1 Tm 6.5-10, 17-19); 20. Os cristãos da primeira igreja cristã consideravam seus bens materiais muito menos importantes do que a sua fé (Hb 10.32-34); 21. Os cristãos foram fortemente advertidos contra o favoritismo e a parcialidade com base na riqueza (cf. Tg 2.1-7); 22. Exploração do pobre pelo rico é condenada (cf. Tg 5.1-6); 23. É condenado pela Palavra que ministros façam propaganda dos santos (cf. 2 Pe 2.2,3, 12-16); 24. Deus deseja que seus filhos prosperem (financeiramente, física e espiritualmente) (cf. 3 Jo 1.2). Cf. HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 211-234.

137 HAGIN, Kenneth E., 2003, p. 235-236.

argumentação a favor da prosperidade, iniciando pela obra de Jesus Cristo na cruz, que quebra o poder de Satanás para dar autoridade aos cristãos para reivindicarem, deste, o que necessitam. No terceiro livro, percebe-se que Hagin quer combater os abusos praticados por muitos cristãos, principalmente pelos ministros, a respeito da prosperidade. Ele faz críticas aos falsos ensinamentos e propõe uma via equilibrada para a prosperidade, assim como deve ser em todas as áreas da vida.

Nota-se em suas três obras sua principal tese: Deus, o criador de todas as coisas, da prata, ouro, e de todos os animais, entregou todas as coisas às mãos de Adão. Este, porém, traiu a Deus, entregando todas as coisas nas mãos de Satanás. Este passou a ser o deus deste mundo. Quando Cristo morreu na cruz, assumiu o lugar do ser humano, quebrou os poderes de Satanás, dando aos seus seguidores autoridade para reivindicar a Satanás aquilo de que precisam, dizendo: - “Satanás, tire suas mãos do meu dinheiro”, e - “espíritos ministradores tragam o dinheiro para mim”. Evidencia-se também que, para o autor, prosperidade abrange as áreas espiritual, física e material. Para se obter a prosperidade é preciso querer, obedecer à Palavra de Deus, contribuir com a motivação certa (sem esperar algo em troca), ter fé, honrar a Deus e aos ministros, cooperar com a obra de Deus e praticar a piedade.

Com a análise do termo צלח feita no capítulo anterior e a apresentação das concepções de prosperidade de Kenneth Hagin no presente capítulo, adiante será realizada uma comparação entre ambas, destacando semelhanças e diferenças, bem como a abordagem de críticos em relação à “Teologia da Prosperidade”.

### 3. RESULTADOS DA ANÁLISE DO TERMO צלח E AS CONCEPÇÕES DE PROSPERIDADE DE HAGIN: COMPARAÇÃO E CRÍTICA

#### 3.1 COMPARAÇÃO ENTRE צלח E AS CONCEPÇÕES DE PROSPERIDADE DE HAGIN

Neste capítulo, será realizada uma comparação entre os resultados obtidos na análise das ocorrências de צלח no AT e as concepções de Kenneth Hagin, bem como a abordagem de críticos da chamada “Teologia da Prosperidade”. Visto que as teses de Hagin a respeito da prosperidade são baseadas principalmente no Novo Testamento, nesta verificação não será abordado o tema da prosperidade a partir deste, mas ela será efetuada somente com base naquilo que poderá ser afirmado a partir do AT em diálogo com as afirmações de Hagin extraídas do AT. O ponto de partida para a comparação é a resposta à pergunta: o que é prosperidade?

A partir da análise do termo, concluiu-se que prosperidade é: concluir com sucesso/êxito aquilo que se pretende. Isso demonstra que a prosperidade está ligada às ações e aos projetos. No texto de 2 Cr 14.8, por exemplo, o rei Asa e o povo de Judá planejaram construir cidades e muros fortificados na região de Judá. O versículo relata que eles “edificaram e prosperaram”, ou seja, construíram e concluíram seu projeto com sucesso.

Para Kenneth Hagin, a prosperidade está mais ligada aos bens materiais, pois argumenta que prosperidade é uma benção, já a miséria é uma maldição, sendo a prosperidade o contrário de miséria (pobreza extrema). Hagin entende prosperidade como uma benção igual à benção dada a Abraão, que conforme o autor, trata-se de uma benção tríplice: espiritual, física e financeira. Deus prometeu a Abraão que o faria enriquecer (cf. Gn 12.2,3; 13.2). Porém, conferindo estes textos, somente Gn 13.2 relata que Abraão era rico, enquanto Gn 12.2 e 3 não fazem menção à riqueza. De fato, Abraão foi um homem rico, mas em nenhum momento na narrativa deste personagem menciona-se que ele foi alguém próspero. O único capítulo em que aparece o termo צלח na história de Abraão é Gn 24, no qual o servo de Abraão foi incumbido de trazer uma esposa para Isaque dentre os parentes de Abraão. O servo faz uma oração pedindo a Deus para que faça com que a sua jornada seja concluída com sucesso (v. 21). Ao fim desta narrativa, o servo de Abraão concluiu que o Senhor de fato fez com que a sua jornada fosse próspera, ou seja, conseguiu concluir com êxito a sua tarefa (24.56) trazendo consigo Rebeca para casar-se com Isaque.

A posição de Hagin de que prosperidade está ligada a bens materiais e riquezas também é falha comparando-se com a narrativa de José no Egito (Gn 37-50). José foi vendido pelos seus irmãos aos ismaelitas. Estes por sua vez, o venderam a Potifar, oficial de Faraó do Egito. José passou a viver na casa de Potifar e o servir. No episódio com a esposa de Potifar, José foi acusado injustamente, sendo preso. A história de José é marcada por sofrimento. Aliás, ele mesmo não possuía bem algum, pois foi vendido como escravo. E, mesmo nessas condições, o texto bíblico diz que ele foi um homem próspero (Gn 39.2), e tudo o que ele fazia o Senhor prosperava em suas mãos (Gn 39.3, 23). Poderia se argumentar que após José interpretar os sonhos do Faraó e ser promovido a governador do Egito, estando somente abaixo das ordens do Faraó (Gn 41), passou a possuir bens. Esta afirmação está correta, porém o texto não diz em nenhum momento que José foi próspero após se tornar o governador do Egito.

Hagin também usa alguns textos<sup>138</sup> para apoiar a ligação de prosperidade com bens materiais. A partir do Salmo 1.3, por exemplo, escreve: “certamente a Palavra de Deus nos fala da prosperidade material, pois a bíblia nos assevera: ‘e tudo quanto fizer prosperará’ (Sl 1.3)”<sup>139</sup>, entretanto, o Salmo não fala de prosperidade material. A prosperidade da pessoa feliz não está em receber bens materiais, mas está nas suas ações que se tornarão em benefício para outros. Consequentemente, não há como afirmar que prosperidade, com base no termo צלח, tenha correspondência com bens materiais.

138 Outro texto usado por Hagin é de 2 Cr 26.5. Mas o versículo apenas diz que Deus fez Uzias prosperar não mencionando bens materiais.

139 HAGIN, Kenneth E., 2000, p. 163.

Outra temática se refere à fonte da prosperidade. Em várias passagens bíblicas, na análise de צלח, notou-se que Deus é quem concede a prosperidade. No Sl 118.25, por exemplo, o salmista faz um pedido a Deus: “concede-nos prosperidade”. Em Gn 39.3, 23, o Senhor fazia as ações de José prosperarem. Concluiu-se conjuntamente que, teologicamente o uso do termo צלח enfatiza que Deus é o único que concede sucesso, embora, o ser humano também possa ser o sujeito de sua própria prosperidade. Sendo assim, a principal tese de Kenneth Hagin – de que Adão, sendo deus deste mundo, traiu a Deus, entregando todo o ouro, a prata e as demais criaturas nas mãos de Satanás, que se tornou o deus deste mundo, e então para que as pessoas possam ser prósperas, elas devem reivindicar a Satanás que devolva o que é delas – é falha, pois a partir dessa concepção Satanás passa a ser a fonte da prosperidade e não Deus.

Em relação a dízimos e ofertas, o texto de Jr 5.28, analisado anteriormente, repreende os ricos que não estavam repassando os dízimos aos órfãos, impedindo que estes prosperassem. Hagin não cita este texto, mas combate o abuso de ministros que dizem ser mais proveitoso as pessoas lhes entregarem os dízimos a dar aos pobres e às igrejas locais.

No tocante à fé para prosperar, Hagin defende, especialmente no livro “Chaves Bíblicas para a prosperidade financeira”, que é preciso ter fé em Deus e na Sua Palavra para prosperar. Nas ocorrências pesquisadas anteriormente, somente em 2 Cr 20.20 é prometido à Judá que estariam seguros e prosperariam se cressem (tivessem fé) no Senhor e nos seus profetas. Nas demais ocorrências, não há menção de fé para prosperar. Além disso, Jr 12.1, Sl 37.7, Dn 8.12, entre outras passagens, demonstram que também os ímpios ou perversos prosperarão em seus empreendimentos. A vista disso, para prosperar não é necessário ter fé em Deus e nem na Sua Palavra. Contudo, deve-se mencionar que no livro “O Toque de Midas”, Hagin admite que também os que não creem em Deus e na Sua Palavra conseguem prosperar, como por exemplo os traficantes.

Conclui-se que, conforme o resultado da análise das ocorrências do termo צלח no AT, as teses de Hagin não correspondem com a Bíblia (Palavra de Deus). Por isso, deve-se questionar os ensinamentos que ele diz ter recebido em uma “conversa com Deus” (revelação). Possivelmente, Hagin elaborou estes ensinamentos e passou a buscar textos bíblicos para apoiá-los, ou Deus lhe trouxe um novo ensinamento, contrariando aquilo que Ele mesmo disse e fez com o que o seu povo vivenciasse.

Causa estranheza o fato de Hagin escrever sobre o assunto da prosperidade, apontar as “chaves bíblicas para a prosperidade financeira” sem ao menos fazer um estudo do principal verbo (צלח) usado no AT para falar de prosperidade.

### 3.2 ABORDAGEM CRÍTICA À “TEOLOGIA DA PROSPERIDADE”

Hagin afirmou que recebeu algumas revelações de Deus. Sobre isso Pieratt escreve: “Essa afirmação sublime de conhecimento por meio de revelação é ratificada por muitas histórias de poder espiritual para curar e operar sinais e maravilhas de todos os tipos”<sup>140</sup>. Tal afirmação é muito séria não só hoje, mas já nos dias de Moisés. Em Dt 13.1-3 o povo de Israel recebeu advertências contra profetas que se levantariam no futuro. Com base nos Reformadores da igreja do século XVI, Pieratt argumenta a respeito dos ensinamentos recebidos em revelações: “o único padrão de julgamento para qualquer ensino na igreja de Cristo devem ser obrigatoriamente as Escrituras e somente as Escrituras”<sup>141</sup>. Pieratt faz uma análise das revelações que Hagin diz ter recebido de Deus e dá respostas a partir de comparações entre as visões de Hagin e as visões registradas pelos profetas e apóstolos na Bíblia.

A respeito das promessas de riqueza feitas por Hagin, Pierrat escreve que os cristãos não estão imunes às leis econômicas da vida. É falsa a afirmação de que, se um cristão obedecer aos mandamentos e crer de todo o coração, ele será rico ou terá saúde, pois “vivemos num mundo regido por leis materiais,

140 PIERATT, Alan B., 1993, p. 97.

141 PIERATT, Alan B., 1993, p. 97.

sociais e econômicas das quais não podemos escapar e das quais Deus não prometeu que nos livraria, até que chegasse o dia final [...]”<sup>142</sup>.

Kenneth Hagin tentou combater os abusos praticados por vários ministros que levaram seus ensinamentos ao extremo, porém, as bases que ele mesmo lançou são muito limítrofes. Com um discurso de prosperidade material e financeira, rapidamente angaria novos adeptos, pois a “Teologia da Prosperidade” tem se alastrado pelo mundo todo e tem sido um desafio às igrejas cristãs posto que seu discurso é atraente. O próprio Cristo fez advertências contra o acúmulo de riquezas e concluiu: “porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 4.21). Neste sentido, Paulo escreveu a Timóteo “Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição” (1 Tm 6.9). Riquezas são tentações para o ser humano, por isso o discurso da prosperidade material e financeira teve tamanho sucesso e, infelizmente, a fim de se enriquecerem, ministros têm cometido muitos abusos.

Neste sentido, Marília de Camargo César descreve inúmeras histórias de pessoas que sofreram abuso espiritual por líderes adeptos da “Teologia da Prosperidade”. Ela escreve, a partir de Gondim, que líderes que cometem abusos estão obcecados por uma visão: “estão convencidos de que têm uma missão divina, e em nome dela estão dispostos a sacrificar os sujeitos”<sup>143</sup>.

As teses de Hagin, portanto, são praticamente insustentáveis biblicamente. Como pôde-se constatar, a partir do Antigo Testamento, prosperidade não está ligada aos bens materiais e às finanças, como Hagin defende, mas está ligada às ações, à realização de planos e projetos, aos quais pretende-se concluir com êxito/sucesso.

Deste modo, a “Teologia da Prosperidade”, não tendo respaldo bíblico, deve ser refutada e combatida, antes que acabe fazendo mais vítimas, “ferindo-as em nome de Deus”.

---

142 PIERATT, Alan B., 1993, p. 146-147.

143 CÉSAR, Marília de Camargo. **Feridos em nome de Deus**. São Paulo, Mundo Cristão, 2009, p. 72.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das dificuldades enfrentadas pelo pesquisador foi em relação a Kenneth Hagin ter fundamentado suas teses referentes à prosperidade principalmente no Novo Testamento, enquanto o objetivo principal deste estudo foi analisar a prosperidade a partir do Antigo Testamento.

Desenvolvida no capítulo 2, a análise do termo צלח associado as contribuições advindas dos dicionários teológicos, permitiu concluir que prosperidade é: concluir com sucesso alguma tarefa ou algum empreendimento. Assim, a prosperidade está intrinsecamente relacionada às ações de Deus ou das pessoas. Os sujeitos do verbo prosperar podem ser: o próprio Deus, o seu Espírito, a sua Palavra, a sua Vontade, o ser humano, os servos de Deus, as pessoas que agem contra Deus, uma arma, o caminho e um cinto. Teologicamente, צלח aponta para Deus como a fonte da prosperidade, enquanto o seu sinônimo כשר aponta para o sucesso adquirido através de esforços humanos. Por sua vez, o sinônimo שכל conduz para o sucesso dos sábios, ou seja, daqueles que temem a Deus.

Na apresentação das teses de Hagin, destaca-se esta: Deus, o criador de todas as coisas, da prata, ouro, e de todos os animais, entregou todas suas obras às mãos de Adão. Este, porém, traiu a Deus, entregando todas as coisas nas mãos de Satanás, que passou a ser o deus deste mundo. Quando Cristo morreu na cruz, assumiu o lugar do ser humano, quebrou os poderes de Satanás, dando aos seus seguidores autoridade para reivindicar a Satanás aquilo de que precisam, dizendo: - “Satanás, tire suas mãos do meu dinheiro”, e - “espíritos ministradores tragam o dinheiro para mim”. Outra tese enfatizada pelo autor é a de que a prosperidade está associada aos bens materiais, riquezas e saúde física.

Contrariamente a tais teses, prosperidade é: concluir alguma tarefa com êxito. Em particular, não se pode reivindicar a Satanás que devolva dinheiro ou alguma outra coisa de que se necessite, visto que Deus é a fonte da prosperidade. Posto isto, a “Teologia da Prosperidade” que é ensinada e praticada atualmente, não tem amparo bíblico. Tal teologia usurpa indevidamente a Palavra de Deus, distorcendo-a a fim de que líderes e ministros “prosperem” financeiramente às custas das vítimas de seus discursos.

Resumidamente, nesta pesquisa, é exposto o desfecho a respeito da prosperidade a partir do termo hebraico צלח. Contudo seria interessante desenvolver investigações sobre outros termos hebraicos que possam ser traduzidos como prosperidade, apesar de צלח ser o principal termo para exprimir prosperidade no AT. Da mesma maneira, uma análise bíblica teológica sobre a prosperidade no Novo Testamento enriqueceria a discussão relativa ao tema.



## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Rodrigo. **Igreja em Cédulas**: a teologia da prosperidade em poucas palavras. Joinville: BTBooks, 2015.
- BÍBLIA. Português. **BÍBLIA de estudo**: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: SBB, 2012.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. GORGULHO, Gilberto; STORNILO, Ivo; ANDERSON, Ana Flora (Coords.) São Paulo: Paulinas, 1985.
- BÍBLIA. Português. Tradução de João Ferreira de **Almeida**. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: SBB.
- CÉSAR, Marília de Camargo. **Feridos em nome de Deus**. São Paulo, Mundo Cristão, 2009.
- Dicionário Bíblico Strong**: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. Barueri: SBB, 2002. Ed. São Paulo: SBB, 1993.
- FEE, Gordon, D. STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?**: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. 3. ed. Revista e ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- FRETHEIM, Terence F. “שָׁלַח” In: VANGEMEREN, Willem A. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. v. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento**: Grego-Português. São Paulo, SP: Vida Nova, 1984.
- HAGIN, Kenneth E. **Chaves bíblicas para a prosperidade financeira**. Taquara: Graça Editorial, 2000.
- HAGIN, Kenneth E. **How God Taught Me about Prosperity**. Tulsa: Kenneth Hagin Ministries, 1985.
- HAGIN, Kenneth E. **O toque de Midas**: uma abordagem equilibrada para a prosperidade bíblica. Taquara: Graça Editorial, 2003.
- J.E.H. “תָּוֹם” In: HARRIS, R. L. ARCHER, G. L. WALTKE, B. K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- KELLEY, Page H. **Hebraico Bíblico**: uma gramática introdutória. 8 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- KENNETH HAGIN. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Kenneth\\_Hagin&oldid=45871714](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Kenneth_Hagin&oldid=45871714)>. Acesso em: 10 mai. 2017.
- LISOWSKY, Gerhard. **Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament**. 3 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.
- LUC, Alex. “צִלַּח” In: VANGEMEREN, Willem A. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. v. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- MERRIL, Eugene H. “דָּרַךְ” In: VANGEMEREN, Willem A. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. v. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- MOVIMENTO PALAVRA DE FÉ. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Movimento\\_Palavra\\_de\\_F%C3%A9&oldid=47616433](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Movimento_Palavra_de_F%C3%A9&oldid=47616433)>. Acesso em: 10 mai. 2017.
- NEL, Philip. J. “שָׁלַם” In: VANGEMEREN, Willem A. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. v. 4. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- PIERATT, Alan B. **O Evangelho da Prosperidade**: análise e resposta. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- ROMEIRO, Paulo. **Super Crentes**: o Evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.
- SÆBØ M. “צִלַּח” In: JENNI, Ernst. **Diccionario teologico manual del Antiguo Testamento**. Madrid: Cristiandad, 1978.
- SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. São Paulo: Paulus, 1997.
- WANKE, Roger Marcel. Folha de Trabalho - Nº 6 [Salmo 1.3]. Apostila da disciplina de Hebraico IV (não publicado). São Bento do Sul: Faculdade Luterana de Teologia, 2016.